



**Jianing Li**

**A CULTURA CHINESA NO ROMANCE *AMOR E*  
*DEDINHOS DE PÉ***



Jianing Li

**A CULTURA CHINESA NO ROMANCE *AMOR E  
DEDINHOS DE PÉ***

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português língua estrangeira/ língua segunda, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel Ferreira, Professor Associada com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

## **o júri**

presidente

Professora Doutora Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutor Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

Investigador da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
(arguente)

Professor Doutor António Manuel dos Santos Ferreira

Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (orientador).

## **agradecimentos**

(e desculpas...)

Aos amigos, de cá e de lá, sempre presentes, mesmo distantes.

Ao João Gil, pela sua ajuda.

Ao querido Professor António Manuel Ferreira, por me mostrar o caminho da literatura.

Ao Professor Carlos Manuel Ferreira Morais, por me apoiar no estudo de literatura

À Professora Rosa Lúcia Coimbra, por triplicar a minha paixão pela literatura.

À Jiang, minha mãe, pelo seu incondicional apoio.

A Aveiro, pela vida que me proporcionou durante mais de três anos.

A Portugal, por acolher mais uma estudante.

**palavras-chave**

cultura chinesa, consciência de classe, conservadorismo, vulnerabilidade da mulher, sociedade patriarcal

**resumo**

Esta dissertação desenvolve uma investigação sobre uma obra de Henrique de Senna Fernandes, autor de destaque da literatura portuguesa. Com este trabalho, abordam-se principalmente duas questões: a consciência de classe da China no período do romance; o pensamento conservador na China.

O método analítico utilizado nesta investigação consiste em examinar numerosas obras e materiais relacionados com a matéria em questão. Durante o processo de leitura, marcaram-se as descrições das personagens e as culturas chinesas que contribuíram para a construção dos seus retratos e das suas ações.

Neste trabalho, estudam-se alguns aspetos da cultura chinesa no romance. No primeiro capítulo analisa-se a consciência de classe presente na obra; na fase seguinte apresenta-se o pensamento conservador na China. Esta dissertação apresenta um estudo do romance, centrado nos fenómenos da cultura chinesa e visa investigar a mesma. Assim, espera-se ajudar os estudantes a familiarizar-se com os ritos e costumes chineses.

**keywords**

Chinese culture, class consciousness, conservatism, woman vulnerability, patriarchal society.

**abstract**

This thesis investigates the work of Henrique de Senna Fernandes, prestigious author of the Portuguese literature. With this work two main issues are addressed:

China's class consciousness in the novel;

Conservative thinking in China.

The method used in this investigation consists of making analyzes of numerous works and correlative materials. During the process of reading, the descriptions of the Chinese characters and cultures that contributed to the construction of their portraits and their actions were marked. In this work, Chinese cultures are studied in the novel. In the first chapter, class consciousness is examined; the following phase presents the conservative thinking in China. This dissertation presents an analysis of the novel, focusing on the phenomena of Chinese culture and aims to study Chinese cultures in the book. Thus, it is hoped to help students deepen their knowledge on Chinese cultures.

## **Índice**

Introdução.....	3
Capítulo I Consciência de classe no romance.....	7
Capítulo II O pensamento conservador na China .....	31
2.1 A vulnerabilidade da mulher.....	33
2.2 A sociedade patriarcal .....	36
2.3 O pensamento conservador da mulher .....	45
2.4 Os pés de lótus .....	48
2.5 Rejeitando as coisas estrangeiras.....	51
2.6 A sensação de pertença cultural .....	56
Conclusão .....	61
Bibliografia.....	67





# Introdução

Depois de estudar e viver em Portugal durante três anos, sentimos claramente a diferença na cultura social entre a China e Portugal. Em Portugal, sentimos que todo o trabalho é igual. Na China, muitas vezes achamos que os diversos empregos são divididos em níveis diferentes. Por meio de conversas com professores e amigos portugueses, também descobrimos que os chineses são mais conservadores nos seus pensamentos. Depois de ler o romance *Amor e Dedinhos de Pé*, do autor Henrique de Senna Fernandes, descobrimos que os macaenses também foram afetados por essa cultura chinesa. O romance é a essência de uma cultura nacional. Através da análise da obra, podemos descobrir os distintos fenómenos culturais.

Este trabalho visa estudar a cultura chinesa incorporada no romance, principalmente por dois pontos, a consciência de classe da China e o pensamento conservador. Depois de ler este livro, conseguimos entender que a experiência de vida e o destino final de todas as pessoas do romance são inseparáveis destes dois aspetos culturais na China daquela época. Numa escala global, esta consciência de classe existe em larga dimensão e muitas pessoas criticam a injustiça das hierarquizações. Mas na China, a consciência de classe é diferente da dos outros países, pois ainda afeta todas as gerações. Até ao século XX, a consciência de classe da China ainda era algo para ser levado a sério. As pessoas dividiam o trabalho em classes e as diversas famílias espalhavam-se, por sua vez, por diferentes classes sociais. Este tipo de consciência afeta as atitudes das pessoas em relação à vida, o que leva muitas a ter uma vida negativa. Ao mesmo tempo, muitas pessoas usam uma panóplia de métodos para ascender para à classe mais alta.

Em 2011, Miqing Li examinou a ascensão da classe trabalhadora chinesa. Na sua análise, podemos ver que até ao século XXI, a classe trabalhadora ainda está em fase de exploração nesse país. Sob a exploração da classe capitalista, são eles quem enfrenta as tarefas pesadas e longas jornadas de trabalho, recebendo um mísero salário. Poder-se-á

questionar a justiça, ou falta dela, em tudo isto. O seu ponto é que no país socialista de Mao Zedong, a posição da classe trabalhadora subiu. No entanto, como não houve organização, após a morte deste líder, a China transformou-se num país capitalista parcial. Por isso, o fenómeno de classe tornou-se evidente e a posição social da classe trabalhadora declinou. (Li, 2011)

Em relação à questão da estratificação social, Blau expôs as suas opiniões em 1967:

“Uma classe social é formada com base numa posição social objetiva. Por exemplo, posição de classe, classe de emprego, educação, propriedade, salário, autoridade, etc... Embora se fale em “prestígio social”, os critérios são meramente subjetivos de avaliação. A base da estratificação é a economia social, o que inclui propriedade, salário e educação” (Blau & Duncan, 1967, p. 163).

Na análise da estratificação social e da consciência da classe, Weber opõe-se à classe económica de poder de mercado, sendo que a outra fonte de distribuição de poder de Weber é baseada no nível de estilo de vida e prestígio social ou grupo de identidade (马克思·韦伯, 1997/1976, 页 233). Bourdieu acredita que a localização social e o estilo de vida constituem dois níveis de espaço social (Bourdieu, 1984, p. 335). Nas questões conservadoras e sistemas patriarcais, o professor Arthur Wolf, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, afirmou que o surgimento de um sistema patriarcal forte na sociedade chinesa estava intimamente relacionado com sistema político altamente unificado da China (Wolf, 2005, p. 223).

De acordo com os pontos de vista apresentados pelos antecessores, vamos supor que as trajetórias de desenvolvimento dos países são diferentes. Então, qual é a razão para a consciência de classe e o pensamento conservador da China? É um fenómeno inevitável do desenvolvimento humano desde a antiguidade, ou é causado pela sociedade feudal de outrora? Existe algum efeito progressivo ou prejudicial no desenvolvimento da sociedade

chinesa? Quem é o principal grupo de vítimas?

Através deste trabalho, esperamos que todos possam entender a cultura chinesa e o fenómeno cultural incorporado no povo.



## **Capítulo I Consciência de classe no romance**



Ao ler este romance, constatamos que foi escrito em Macau no século XX e que está carregado de elementos culturais chineses, especialmente a consciência de classe. Depois da fundação da Nova China, aproximadamente um século antes, o autor escreve este romance. Como todos sabem, a China tinha uma história de regime feudal que durava há mais de dois mil anos. Com efeito, mesmo depois da fundação desta Nova China, o seu povo não tinha alterado os seus modos de pensamento imediatamente, algo que pôde ser verificado em todos os aspetos da vida das pessoas. No romance, o protagonista Chico, o seu tio, o pai de Victorina, assim como as outras famílias e amigos, embora sejam todos macaenses, nados e criados em Macau, estavam expostos à influência da cultura chinesa, o que fez com que a consciência de classe fosse refletida neles.

Quer a descrição intencional do autor, quer o sentido verdadeiro da mesma, ou mesmo a personalidade deste, sofreram todos, também, às mãos do enviesamento da tradição. Logo a começar a primeira parte do romance, denota-se esta forma nova de pensar. No início do romance, o escritor não apresenta a família do protagonista. Ao invés, descreve diretamente o pobre fedorento vagabundo. Excetuando o mau odor, a primeira imagem dele é “Sem emprego, porque ninguém o queria para outras tarefas, auferia destas caminhadas misérrimas gorjetas que mal lhe mantavam a fome” (Henrique, 1985, p. 5). A triste condição dele condenou-o a viver na camada social mais baixa, fazendo com que ninguém lhe quisesse dar mais oportunidades para ganhar dinheiro. Igualmente, as pessoas não simpatizavam com uma pessoa de classe mais baixa. Quando as crianças humilharam Chico na rua, ferindo-o ligeiramente, fugiram assustadas; as pessoas “também se apressaram em desaparecer, porque ninguém desejava ser testemunha” (Henrique, 1985, p. 7). As pessoas nunca demonstravam compaixão. O escritor também pensa que “Só ele, doente e andrajoso, não teria esse privilégio” (Henrique, 1985, p. 7). Na verdade, Chico aceitava esse tratamento injusto por causa da classe social, pois ele também tinha essa consciência de classe. Quando ele foi à loja recheada de comida quente e succulenta, não se sentiu digno de lá entrar por causa dos seus pés. Enquanto aguardava pela canja, aproximou-se um mendigo: “Que trabalhasse como ele, para merecer a canja.

Escorraçado, o mendigo encolheu-se, para se abrigar no alpendre fronteiro, choramingando” (Henrique, 1985, p. 8). Chico sabia que não era um mendigo, embora pertencesse à classe baixa. Ele pertencia à classe alta mendicante e por isso ele repreendeu o pedinte. Quando os outros fizeram pouco de Chico, ele não refutou, porque naquele momento, a consciência de classe era a forte influenciadora.

Quando o escritor começa a narrar acerca da família de Chico, de novo, a inevitável consciência de classe estava lá presente. No início, ele explica que a família de Frontaria era muito famosa e quando escreve sobre o fundador da família, Bernardo Frontaria, menciona que ele se havia casado com uma meia-goesa e meia-minhota. Esta origem da esposa foi o que determinou a classe social, algo que foi retratado na obra como um problema. A outra protagonista é Victorina. O seu avô é de origem espanhola, mais concretamente, da colónia das Filipinas. Quando o pai dela se casou com a sua mãe, a família dos Vidais opôs-se completamente à união, e cortou todas as relações com Hipólito, o pai de Victorina. Quando Victorina e Paulo nasceram, os Vidais não se prestaram a os visitar, nem a os congratular. No final, o tio de Chico fala com o sobrinho sobre a relação entre este e Victorina, referindo constantemente o problema da prosápia e do sangue. As palavras do tio não deixam dúvidas:

“É claro que não tem o sangue dos Frontarias. É só consultar a árvore genealógica dos Vidais. O dos Padillas é que não é nada bom, é mesmo péssimo. Gente conflituosa, amiga de enredos e pancadaria. Basta aquele gosto do espanhol para curar vergonhas e podridões, vindas das mulheres perdidas” (Henrique, 1985, p. 370).

De facto, embora Chico seja influenciado pela consciência de classe, depois de ele ter experienciado as vidas de rico e pobre, ele entendera claramente o cerne desta questão. Por exemplo, depois das palavras do tio, Chico pensou: “Santo Deus! Quando quele tio se deixaria de prosápias? E que fazia ali?” (Henrique, 1985, p. 367). Ele sabia que esta consciência era incorreta.



O tio de Chico era o mais afetado por essa noção de estratos sociais. No início, quando Chico chegou à casa da tia, ao Tio Timóteo não lhe agradou nada, isto tudo por culpa do seu sangue sujo. O pai de Chico casou com uma rapariga, cujo pai era um modestíssimo guarda-policia, por isso o problema do sangue estava sempre presente. Quando o romance introduziu Timóteo, o escritor já tinha abordado a ideia de estratificação social. “Mas supria estes defeitos, com uma enormíssima prosápia, agarrado aos pergaminhos da família. Não gostava que chamassem lorcheiros aos Frontarias, mas sim, capitães de lorcha, o que, no seu entender, não era a mesma coisa” (Henrique, 1985, p. 13). O tio, embora não seja o protagonista no romance, é o símbolo da percepção de hierarquias daquela altura. A família é o sangue deles e a casa só prospera com uma linhagem superior. Embora houvesse defeitos, estes poderiam ser dirimidos através da família. A diferença entre lorcheiro e capitães é a diferença de classes. Para o tio, a família é o mais importante. A sua esposa deveria pertencer à nobreza. No romance, sempre que o tio é descrito, o conceito de condição social aparece, constantemente, a pairar no ar. Como Chico não tinha nada com que se ocupar, isso atormentava o tio, que se preocupava com o futuro do sobrinho, “Era agora o contínuo da repartição, onde trabalhava o tio, já que outras tentativas de emprego tinham falhado. Fora duro para o orgulho de Timóteo ter um sobrinho contínuo (Henrique, 1985, p. 24). Como já foi referido, para o tio, o mais importante era a família. Quando a tia Bitá estava doente, “Eram visitas consoladoras, mas cansativas. A vaidade de Timóteo e da sua esposa estava satisfeita” (Henrique, 1985, p. 29). No romance, a frase que mais impressiona encontra-se na cena do funeral da tia Bitá, “O Tio Timóteo engolindo as lágrimas, sacudi o sobrinho que estrebuchava ranhoso.

-É preciso chorar com a dignidade e a nobreza dos Frontarias. Isto que estás a fazer, parece um miar de gato ao luar, cheio de cio” (Henrique, 1985, p. 31).

Para este homem, o mais triste é perder a família. Algumas dores não podem ser refreadas, contudo, neste momento, Timóteo encontrava-se equilibrado, embora choroso, sem nunca esquecer a dignidade e a nobreza. É através disso que se pode constatar a

profunda influência que as classes sociais têm sobre o tio.

Chico foi remetido ao desprezo desde o início. O pai dele perdeu o estatuto social, morreu num beco qualquer de Foochow e foi cortado por um parão, sem honra nem dignidade. Ao mesmo tempo, quando o pai deixou Chico na casa da sua tia, pensava que o seu filho era infeliz. Através de uma outra frase do tio, podemos perceber a importância do valor do sangue, “É o sangue deteriorado da mãe. Aguou o dos Frontarias. É um desaforo” (Henrique, 1985, p. 18). Por causa da sua saúde, Chico não conseguia fazer uma carreira no mar, o que levou a família a pensar que toda a causa disto era o sangue. Com efeito, naquele momento, mal uma pessoa apresentasse qualquer problema, a raiz estava na impureza de sangue.

O sangue decidia o regime de classe, assim como a riqueza. Um antigo grumete cuja origem era da plebe, fez uso da sua riqueza para fazer esquecer a sua humilde origem, de modo a preservar a sua importância no burgo. Devido à decadência vertiginosa dos lorcheiros, a maioria das pessoas deixou de os tolerar, o que provocou o seu êxodo de Macau. Eles estavam cientes que a decadência da família os levou a sofrer um tratamento social injusto. De facto, a experiência inteira de vida de Chico anda à volta da riqueza. No início, todos se dirigiam a ele com respeito, porém quando todos os seus bens foram perdidos, caiu do topo da cadeia social.

Depois de herdar a herança da tia, pode-se dizer que ele tinha uma vida magnífica, encontrando-se no topo da pirâmide social. Quase todas as pessoas elogiavam-no e ele gozava dos luxos do dinheiro. Ele cometeu absurdos atos dispendiosos e tudo isso se devia à sua posição social. Muitas pessoas quiseram aliar-se a ele por causa dos dinheiros e na sociedade chinesa daquele momento, os dinheiros podiam resolver quase todos os problemas. Era com essa noção que ele tinha coragem para fazer os absurdos, pois achava que as pessoas o iriam perdoar sempre.

Se Chico não tivesse dinheiro e status social na época, não iriam ocorrer mais outros

episódios nos anais da sua estúrdia. Um homem chamado Chibo Manso casou-se com uma mulher que tinha fama de promíscua. Chico fez a aposta com os amigos de que tê-la-ia nos braços. Quando ele falou com esta mulher, Chico mostrou tudo sobre a sua nobreza, por exemplo, as mobílias luxuosas e as suas propriedades. Chico também falou em português com ela e não em patois. Naquele momento, a língua também era sinónimo de nobreza. De facto, por causa da cultura do tio, Chico tinha essa educação. “Só falava patois exclusivamente com a tia, com o tio dirigia-se-lhe em português vernáculo, para não se envergonhar diante dum metropolitano, como o digníssimo funcionário da Fazenda, a todo tempo, frisava” (Henrique, 1985, p. 16).

Esta mulher, criada num berço modesto, não recusou a riqueza de Chico. Finalmente, embora soubesse que Chico estava a brincar com ela, mesmo quando se zangava com ele, ostentava sempre no seu dedo um anel de jade. Embora estivesse contrariada, não desejava abandonar as extravagâncias. Naquela época, a sociedade era desigual e ninguém queria deixar de pertencer à nobreza.

As pessoas perceberam que a hierarquia das classes e o dinheiro eram os decisores de tudo o que se passava na esfera social. Quando Chico perdeu quase todas as suas posses, tentou procurar emprego, mas não reuniu a coragem para falar com os amigos. Temia que estes o abandonassem. Para os macaenses, a “cidade cristã” é a zona nobre e a “cidade chinesa” é a zona pobre. Naquele momento, Chico só conseguia alugar uma casa pequena neste último lugar.

Depois de viver na cidade chinesa, pode-se dizer que a vida de Chico mudou muito e também que era influenciado pela cultura chinesa em todos os lugares. Através das características da sua personagem e seus absurdos, ele era um homem que não podia viver sem mulheres. Depois de entrar na cidade chinesa, ficou a morar com uma mulher chamada A Tai, que o controlava por toda a parte. Isso não se compaginava com o machismo da sociedade chinesa naquela época, mas tinha a sua razão de ser. Nesta sociedade, o dinheiro era importante e A Tai era uma mulher independente. Por isso,

naturalmente, A Tai apossou-se dos parques haveres e do salário dele. Ao mesmo tempo, denota-se outro aspeto típico da cultura chinesa “Men Dang Hu Dui”<sup>1</sup>.

“Chico, és o maior sem-vergonha! Mais uma vez faltaste ao prometido. Mentiste-me e mentes a toda a gente. Andas com uma pagã, em pecado” (Henrique, 1985, p. 64). O padre afirmava que A Tai era pagã. Na verdade, a razão é que A Tai era uma residente chinesa que vivia nas classes mais baixas da sociedade. O padre pensou que esta mulher não era de cariz social aceitável, portanto, ficou especialmente irritado. “Men Dang Hu Dui” é um provérbio chinês que é usado para indicar um casamento que junta duas pessoas vindas de famílias com posições sociais idênticas. “Men” significa ‘porta’ e “Hu”, ‘janela’. “Dang” e “Dui” têm o mesmo significado, que é ‘oposto’. Na China este provérbio nunca se usa na arquitetura. É usado, sobretudo em romances.

Numa fase inicial, podemos analisar os comportamentos dos pais de Chico. Quando Chico era criança, fora deixado ao desprezo, isso porque a sua mãe era uma mulher estúpida e influenciável. O pai da sua mãe também era um modestíssimo guarda-policial. Isso representava um ultraje para a família famosa dos Frontarias em Macau, naquela época. Mais tarde, houve outros inúmeros problemas. O tio orgulhoso de Chico sempre o quis casar com uma mulher aristocrática.

Na segunda parte do romance, conta-se a história da outra protagonista, Victorina. Primeiro, descreve-se o seu pai, Hipólito. Ele nascera numa família rica e também experimentou uma queda na sua vida. O motivo foi ter-se casado com uma mulher cujo pai era Pablo Padilla, de origem espanhola da colónia das Filipinas. Os seus pais não podiam aceitá-lo e achavam que isso era uma vergonha para a família. Por isso, Hipólito fora expulso de casa. Mesmo tendo sido famoso, ele não era respeitado na família espanhola pois tinha perdido tudo. Padilla queria deixar a sua filha entrar na família de Hipólito, para que a sua própria também gozasse de algumas melhorias estatutárias. Há

---

<sup>1</sup> Em chinês é “门当户对” (王实甫, 1295-1307)

um provérbio chinês para isso, “Yi Ren De Dao, Ji Quan Sheng Tian” <sup>2</sup>Na festa de Hipólito, Padilla, que não recebera o convite, sentira-se insultado. Para os noivos, Padilla e a sua família representavam os seres da camada social mais baixa de todo Macau. Isso confirma que o casamento deles não atende à “Men Dang Hu Dui”. O casamento mais importante no romance é o de Chico e Victorina. Depois de experimentar uma vida diferente, Chico percorreu o caminho certo da vida e apaixonou-se por Victorina. Victorina herdou as riquezas do padrinho e o seu pai tornou-se num membro da aristocracia social, Chico não tinha nada e não podia casar. O seu tio, Timóteo, para evitar tal desfeita, doou uma parte do seu depósito bancário a Chico, que assim, iria conseguir cumprir com o “Men Dang Hu Dui”.

Durante a sua estadia na cidade chinesa, Chico ficara doente. No fim da primeira parte de romance, pode-se interpretar a avaliação do autor como um comentário sobre a sociedade intoxicada com a consciência de classes. “Com o trambolhão que reduzira a nada a sua posição social, não tinha ilusões quanto a sinais de respeito ou de consideração” (Henrique, 1985, p. 99). “Aprendera que quem é muito pobre, não pode ter personalidade” (Henrique, 1985, p. 101). Contanto que não se tenha dinheiro, as pessoas esquecerão de soltar os risos que outrora soltavam com quem tinha dinheiro e poder.

Prossigamos, agora, com a análise da segunda parte do romance. Narra-se a vida da outra protagonista, Victorina e a sua família. Nesta parte, quase todas os familiares de Padilla estavam sob o jugo da estratificação social. Já referimos que a origem de Padilla era espanhola da colónia das Filipinas. Para viver em Macau, ele tinha trabalhado muito para melhorar a sua classe social ao longo da sua vida. No início, ele quis deixar a sua filha casar com um nobre, tentativa essa que fora gorada. Depois, tornou-se médico e tratava doenças vergonhosas. Durante este tempo, a sua reputação aos olhos da sociedade foi melhorada. Comparando com a sociedade atual, temos um grande contraste. Agora

---

<sup>2</sup> Em chinês é “一人得道，鸡犬升天”, em português é quando alguém chegam ao topo, até os seus amigos e família vão com ele. A analogia é que uma pessoa se tornou um funcionário, os outros tiveram um mesmo resultado (王充, 86).

sabemos que os trabalhos não são sujeitos às classes. Mas naquela época, Padilla era visto da mesma maneira que os ervanários e curandeiros, foi chamado de porcalhão e desavergonhado, inclusive. Mas foi por causa deste emprego que ele curou um jovem, que posteriormente o convidou para o seu casamento. Com isto, subiu ainda mais na escada social. O romance debruça-se, constantemente, em eventos festivos. Devido à particularidade das festas de Macau, as pessoas de diferentes classes assumiam postos diferentes. Por isso, quando Padilla ficou ao lado dos Vidais, ele experienciou o momento mais glorioso da sua vida. Mas a sua vida não fora sempre um mar de rosas. Padilla estava doente, perdeu as capacidades e o poder na família. O autor enfatizou “Até na morte, não teve as primícias dum lugar de elite” (Henrique, 1985, p. 220). No fim, ele foi enterrado numa campa de 3.<sup>a</sup> classe, por ser mais barato. Ele falhou e não subiu ao topo da sociedade. A mãe de Victorina também era uma mulher pobre. Antes da doença de Padilla, ela gozava da classe mais alta na família. Nunca fora espancada pelo seu pai e era tratada como uma princesa em casa. Mesmo que Padilla quisesse comunicar com a nobreza através dela, essas tentativas saíam frustradas. Não obstante, era uma mulher autossuficiente. Ela tinha duas crianças, Victorina e Paulo. Penou para ter um filho a viver com os Vidais, mas isso não teve efeito. Mais tarde, ela foi abandonada pelo marido, e posteriormente, seu pai morrerá. A classe da família dela foi prejudicada. Finalmente, o comentário dela acerca disto foi, “Findara, assim, o drama duma outra existência frustrada. Fora bela e ambiciosa, aspirara a uma vida dentro das melhores famílias, mas não soubera conduzir-se, por ser ignorante e fútil” (Henrique, 1985, p. 224).

Já dissemos que a classe do emprego é igual hoje, mas naquela época as ocupações tinham classes diferentes. Ao mesmo tempo, o emprego é a arma de Padilla para subir à classe alta. Padilla ombreou com os Vidais por causa do seu trabalho. As filhas também herdaram esta característica. Antes da doença de Padilla, as duas filhas velhas não tinham nenhuns poderes em casa nem na sociedade. Depois da doença, elas entraram na sociedade da nobreza através da sua capacidade para cozinhar. A consciência delas talvez tenha sido a mais acertada. O autor disse “Subira pela cozinha, mas estava ali plantada

com as irmãs e a mãe, nos salões, de igual para igual.” (Henrique, 1985, p. 188) Quando Victorina decidiu ir ao hospital como enfermeira, as irmãs decidiram pedir a sua ajuda. Excetuando isso, elas achavam que este emprego reduziria as suas reputações.

Na terceira parte do romance, podemos ver este fenómeno cultural através do mordomo e do barbeiro. Não sabemos qual a classe de emprego do mordomo, mas naquela época, ele era o mordomo de Victorina, algo considerado superior. Chico estava no fundo de sociedade. Ao mesmo tempo, este barbeiro era vaidoso da sua profissão, porque ele se gabava de ter feito a barba a dois governadores. Por isso, ele sentiu vergonha quando lhe apresentaram Chico. “Como toda a gente da cidade cristã, conhecia o Frontaria. Uma vez até lhe cortara o cabelo. Mas fora numa outra época e o homem também outro.” (Henrique, 1985, p. 289) Naquela época, Chico foi um dos Frontarias. Na casa de Victorina, mostrou muito esta consciência de classe:

“Não conquistou, porém, as simpatias de Victorina, principalmente quando não teve reboço de denunciar um curiosidade escarninha por encontrar, portas adentro, semelhante traste de má fama, instalado numa cama confortável e rodeado de cuidados, a sarar-se duma doença mal cheirosa.” (Henrique, 1985, p. 290).

Aqui vê-se outra vez que Chico fora discriminado.

Através da análise, apercebemo-nos desta consciência de classe no romance, e ao mesmo tempo, também, podemos compreender que se trata de uma estratificação social. Esta estratificação é refletida em três aspetos da obra: no aspeto da vida quotidiana, nas interações sociais e no estilo de vida.

#### i A vida quotidiana

O início do livro enfatiza, como já foi referido anteriormente, as disparidades entre a “cidade chinesa” e a “cidade cristã”. Ao examinar a introdução do romance, o leitor toma conhecimento que as duas cidades eram, no fundo, dois mundos interligados.

Contudo, os dois mundos não são o tópico principal do autor. Na verdade, o centro das atenções encontra-se à volta da descrição da vida dos macaenses. Nas palavras de Fernandes, “os principais protagonistas são macaenses e o enredo decorre, em nota predominante, entre macaenses.” (Henrique, 1985, p. 3). A descrição da “cidade chinesa” é secundária. No entanto, podemos verificar que os macaenses de classe média e alta se mantinham à distância dos chineses.

A interação social deles ou era feita através do “chá-gordo” entre os convidados, a gema da sociedade macaense, os altos funcionários da administração e estrangeiros, ou através da vida religiosa. Por exemplo, ablução, casamento, etc... Havia poucos chineses. Vemos neste trecho, o protagonista Chico antes de se tornar pobre. Embora ele comunicasse com a sociedade chinesa, ele só pedira o “mestre-china”<sup>3</sup>, ou fora à Rua de Felicidade e às suas transversais mais refinadas. Uma vez, na “cidade chinesa”, em pleno coração do Largo do Pagode do Bazar, Chico, com subtileza e imensa destreza, atou as pontas das três tranças com a guita, num único e complicado movimento a um transeunte. Os amigos tremiam, porque mexer na trança dum chinês era um insulto grave. Podemos entender o grau da distância dos chineses. Quando ele ficou pobre, só estava autorizado a viver na “cidade chinesa”, embora não gostasse. “Comia agora num sórdido ‘fan-tim’, frequentado por pescadores, embarcações e estivadores” (Henrique, 1985, p. 60). Além disso, vivia com uma chinesa que o tratava com modos brutos. Prestou, também, ajuda ao seu patrão chinês na compra dos serviços de uma concubina e ainda contraiu uma doença nos pés, por culpa do ambiente sujo onde se encontrava. Obviamente que Chico não passaria por tal fado se fosse aceite pelas pessoas da “cidade cristã”. Tal não sucedia devido às suas doenças e à sua pobreza. Por fim, ao obter a ajuda de Victorina, ele conseguiu escapar às garras da miséria na “cidade chinesa” e logrou voltar à “cidade cristã”. Assim, podemos compreender a distância entre os macaenses e a sociedade chinesa.

---

<sup>3</sup> Esta palavra é do romance, significa o médico tradicional chinês.



A discussão da estratificação é um aspeto muito importante da pesquisa das camadas sociais. A maioria das pesquisas tradicionais sobre a hierarquização social baseia-se num fundamento: “Uma classe social é formada com base numa posição social objetiva. Por exemplo, posição de classe, classe de emprego, educação, propriedade, salário, autoridade, etc... Embora se fale em “prestígio social”, os critérios são meramente subjetivos de avaliação. A base da estratificação é a economia social, o que inclui propriedade, salário e educação” (Blau & Duncan, 1967, p. 75)

A casa é a pedra basilar do conceito de propriedade, especialmente para a maioria dos trabalhadores. Em diferentes circunstâncias, Chico morou em diferentes casas. Depois de viver na casa da tia, morou na “cidade cristã”, que era a zona dos nobres. Recebeu uma educação privilegiada, e dava-se ao luxo de comunicar com o seu tio em Português. Quando perdeu o seu capital por inteiro, o padre ajudou-o a alugar a casa pequena na “cidade chinesa”, onde vivia juntamente com uma mulher chinesa. O protagonista tornara-se, com efeito, no único macaense naquela zona, o que o levou a ser alvo de palavras insultuosas. Portanto, vemos que a morada não representa somente um lugar para se viver, pois, açambarca muitas mais consequências para o ambiente natural, o ambiente humano, os objetos de comunicação e estilo de vida. Chico desejou voltar a viver os seus tempos áureos, depois de lhe ter sido curada a doença por Victorina, o que o leva a alugar um outro apartamento. O tio, por sua vez, estava preocupado com o ambiente desse lugar, onde as pessoas se debruçavam constantemente em discussões acerca da questão da monarquia e democracia. Por isso é que, para os investigadores, se dava especial atenção à relação entre a estrutura hierárquica e o espaço da vida em comunhão. Engels analisou o modelo do espaço social em Manchester, Inglaterra, na década de 1840. Explorando a estratificação da sociedade britânica a partir da perspectiva da separação do espaço vital das classes sociais, verificou duas tendências principais na discussão da relação entre a segmentação do espaço residencial e as relações de base. (姜淼, 2016). Uma tendência serve para enfatizar com base nas diferenças no tipo de residência. Esta análise é a formação de classes sociais e conflitos de classes. Mais

pesquisadores analisaram e exploraram as causas das diferenças nos tipos de habitação com base em outros fatores estruturais da população, como raça, renda, educação e ocupação. “Cidade cristã” e “cidade chinesa” representam essas diferenças sociais presentes na obra. Embora os macaenses da “cidade cristã” sejam influenciados pela cultura chinesa, a cultura base deles é a portuguesa. Por isso, para os macaenses, ao morarem na “cidade chinesa”, tornam-se, por defeito, pobres. Acerca da outra tendência, o tio de Chico pensava que a questão da linhagem do sobrinho fosse muito importante; o pai de Chico tinha casado com uma mulher comum, da família Padilla, que era olhada como uma família reles, por causa dos seus antepassados. O tio de Chico sentiu-se insultado perante o reduzido salário auferido por Chico. Embora o sangue do protagonista estivesse conspurcado, ele recebera uma educação avançada pelo tio, aprendendo português. O orgulho dos Fronteiras é o trabalho de capitão. As pessoas de diferentes classes escolhiam diferentes modos de viver, face às diferentes capacidades de dispêndio monetário. Isso reflete-se no facto de que em algumas comunidades onde a qualidade de vida é semelhante, se encontrem pessoas concentradas que são mais ou menos idênticas em termos de condições de vida.

## ii Interação social

A interação social é um comportamento social da realidade. A diferença da posição social objetiva é que, o comportamento humano é o resultado de uma combinação dos atributos estruturais e premissa psicológica social (彼特·布劳, 1991/1977, 页 246).

A partir da tradição da sociologia estrutural, Blau elaborou uma suposição básica na teoria estrutural da interação social. (彼特·布劳, 1991/1977, 页 59). As pessoas interagem mais com os seus ou com os outros membros da mesma classe social. As pessoas na mesma posição social compartilham as experiências, os papéis sociais comuns e os atributos e atitudes semelhantes, os quais promoverão as suas interações, por exemplo, casamentos, amigos, etc... Isso é o que descreve o “Men Dang Hu Dui” na cultura chinesa. Quando Chico possuía riquezas, os amigos dele provinham de todos os cantos nobres.

Mal ele perde todos os seus bens, os “amigos” dele passaram a ser os trabalhadores da “cidade chinesa”.

Há um outro provérbio na China, “Ren Wang Gao Chu Zou, Shui Wang Di Chu Liu”, que à letra significa :’o homem procura o seu caminho para cima, assim como a água procura o seu para baixo’, ou seja, as pessoas vão continuar a procurar subir às classes mais altas para alcançar os grupos sociais que lhes estão acima, tão naturalmente como a água que, inexoravelmente, segue o seu curso de forma descendente.

O amigo de Chico é um exemplo típico. Quando Chico tinha dinheiro, Silvério sempre estava junto a ele; quando Chico perdeu o seu dinheiro, ele, de repente, desapareceu. A uma certa altura, Chico aparece numa festa, ao que Silvério retorque que este não deveria marcar presença por causa do empecilho que se tinha tornado. Victorina também foi influenciada. Ela tinha estudado numa escola nobre. Embora tenha o frequentado, não conseguia comunicar bem com os seus colegas. Além das suas próprias deficiências, ela era ridicularizada pelos seus pares porque o seu pai não tinha autoridade em casa. Victorina cresceu na família Padillas, ao contrário dos outros estudantes, que tinham sido criados no seio de uma família nobre. O seu pai, Hipólito, crescido numa família nobre, viu a sua posição social perder-se por ter casado com a filha de Padilla. Com a ajuda do padre, ele deixou a sua família e migrou para Xangai sozinho. Ganhou dinheiro através dos seus próprios esforços e tornou-se famoso nessa metrópole. Mais tarde, após o seu falecimento, tornara-se respeitado pelas pessoas. Quando Victorina foi para Xangai, o círculo social do seu pai a respeitava. Tudo isso pode indicar que a interação social está relacionada com a consciência social.

Há mais uma pessoa muito importante no romance, Botelho, o padrinho de Hipólito. A família de Botelho estava contra o facto de estes dois se relacionarem, tudo por culpa do círculo social de Botelho. Mas sempre que Hipólito encontrava dificuldades, Botelho ajudava-o. Incluindo quando ele saiu de Macau para Xangai. Sem a ajuda de Botelho, ele não voltaria a ter a sua vida anterior. A partir disso, conclui-se que é unilateral julgar uma

peessoa através do círculo social. Mais tarde, Botelho passou para Victorina a sua herança, o que tornou a vida desta mais fácil. Mais tarde, como consequência, quando Botelho estava a ser tratado no hospital, encarregara-se Victorina de ser a enfermeira a cuidar dele. O contacto excessivo entre os dois atraiu a controvérsia alheia, porque as pessoas sentiam que o círculo social de Botelho era muito confuso, o que, por seu turno, iria influenciar Victorina. Era nestes aspetos que se notava a intimidade entre os círculos sociais das pessoas e a consciência de classe.

### iii Estilo de vida

Talvez possa ser dito que Weber introduziu, pela primeira vez, o conceito de estilo de vida na pesquisa de estratificação. Weber opõe-se à classe económica de poder de mercado; a outra fonte de distribuição de poder de Weber é baseada no nível de estilo de vida e prestígio social ou grupo de identidade (马克思·韦伯, 1997/1976, 页 233). Embora Weber também acredite que os grupos de identidade estejam proximamente relacionados com as condições da propriedade, ele enfatiza mais que o grupo de identidade se encontra predominantemente no “sistema social”, ou seja, no campo da distribuição "honra", expressando como um modo de vida especial, ou contruindo sobre um estilo de vida habitual. Por exemplo, o círculo social das pessoas, o casamento e as refeições comuns mostram uma forma de agrupamento relativamente fechada e estável.

No romance, o autor reflete uma grande parte dessa consciência de nível chinês no seu estilo de vida. Chico cometeu alguns atos considerados reprováveis, em parte por ser jovem, mas também por se encontrar no topo da sociedade. Por causa do dinheiro, ele tinha a audácia de atuar dessa forma no seu meio, naquela época. Houve uma altura em que levava a cabo, inclusive, assaltos, os quais eram apenas organizáveis por aristocratas ricos. Ele mexeu na trança de três chineses em pleno Largo do Pagode do Bazar, onde o autor, também, enfatizou, “Era uma festividade retintamente chinesa, com o pagode, cheio de fiéis que entravam e saíam, alumiado a petróleo e miríades de velas e lampiões” (Henrique, 1985, p. 36). Pode, assim, ser visto que os chineses naquela época distinguiam

as pessoas de todas as classes sociais. Na análise de Weber, o casamento é o “Men Dang Hu Dui” da China.

No romance, verificamos que o autor tem muitas descrições para os móveis chineses. Quando Chico contacta Ermelinda, convida-a para casa, a fim de mostrar a sua exuberância aristocrática. O autor descreveu o ambiente que satisfazia Ermelinda, “Os talheres de prata, louça fina, tapetes na sala e na casa de jantar, cadeiras e poltronas forradas para regalo do mais exigente, cortinados de cassa fina, a criada cortês e serviçal” (Henrique, 1985, p. 40). Ao mesmo tempo, o autor diz que ela, “Não estava habituada a visitar ‘fidalgos ‘e tudo que viu, impressionou-a” (Henrique, 1985, p. 40). A partir disso, podemos deduzir que as pessoas como Ermelinda, que viviam na classe comum, tinham estilos de vida completamente diferentes. Ela não conseguia imaginar como era o ambiente vivido pela nobreza. A incompatibilidade entre a sociedade aristocrática e comum faz com que sejam surpreendidos pelas pessoas que viviam na China. Quanto à descrição do padrinho Botelho, o autor também descreveu a decoração na sua casa para refletir a sua vida rica:

“O padrinho mandou-o sentar, na sala dum conforto luxuoso, de mobília de pau-rosa, em forma de bambus entrelaçados. Em armário e pelos cantos, havia o reflexo de porcelana ‘seek-ván’ e azul e branco, proveniente dos candeeiros de petróleo estilizados” (Henrique, 1985, p. 132).

O outro lugar que reflete particularmente esse estilo de vida aristocrático é a mobília do pai de Victorina, Hipólito. Quando esta voltou de Macau para Xangai, para provar que era diferente do passado, “Victorina confirmou-a na casa do Lilau, com o mobiliário do pai, os seus tapetes, xarões e demais porcelana chinesa, quadros e cortinados” (Henrique, 1985, p. 265). Victorina também usou o modo de vida para mudar as opiniões dos outros. Ela munia-se de tudo isso para mostrar aos demais que já não era a Victorina de quem eles se recordavam, mas sim uma que tinha entrado nas fileiras da nobreza.

Desde a antiguidade, a China usou ouro e prata como o símbolo da nobreza, de modo que esta última é o metal predileto nos seus móveis. Na época antiga chinesa, as pessoas de classes diferentes usavam móveis diferentes. Imperador e imperatriz usavam ouro e as concubinas usavam prata, algo que foi transmitido de geração em geração. O uso de móveis de pau-rosa era um símbolo de nobreza. Na China, nas Dinastias Ming e Qing, os móveis de pau-rosa eram dados aos governantes do Império. Quando se fala sobre a porcelana chinesa, é de se ressaltar que, há muito tempo atrás na história, a China era o maior produtor e exportador de porcelana do mundo. O autor inteligentemente usa os detalhes desses móveis para refletir a interligação que os macaenses faziam entre o tipo de mobília e a classe social a que os seus donos pertenciam, reforçando, consequentemente, a noção de consciência de classe presente na época.

Não só a mobília, mas também as festas eram um espelho dessa atitude consciente. Seguindo o que foi explicado acima, Padilla sentira-se não só insultado por não ter sido convidado para a festa de aniversário de Hipólito, mas também pelo nível do seu assento nesse evento. Após o nascimento de Paulo, o filho de Hipólito, Padilla também organizou uma festa e convidou a família Vidal. Porém, estes não compareceram, pois na sua opinião, esse tipo de festa, não se compaginava com o seu estatuto social. Através de isto tudo, é visível, de novo, este conceito de consciência de classe na festa.

Através da análise, podemos compreender a relação entre estilo de vida e consciência de classe, sendo elas perspectivas opostas. Bourdieu acredita que a localização social e o estilo de vida constituem dois níveis de espaço social. O último envolve a arte pessoal e a apreciação do conhecimento. Por exemplo, se as maneiras da etiqueta estão ou não de acordo com os costumes da classe alta, os gostos exibidos no processo de consumo, como domésticos, roupas, comida e transporte (Bourdieu, 1984, p. 335). O “hábito” liga os dois. Os hábitos referem-se principalmente à tendência específica das pessoas das classes sociais no seu quotidiano e assim o processo de formação de hábitos é o processo de formação de classes (Bourdieu, 1987, p. 112). Assim, podemos ver que a razão para formar essa consciência de classe na China também se deve aos hábitos. A partir da China

antiga, a divisão de classes era séria e continuava com os descendentes. As pessoas mantinham os seus hábitos originais. Mesmo no século XX, essa cultura ainda se encontrava presente, afetando todas as gerações. Os macaenses que viviam em Macau testemunharam a ascensão e queda da China, seguindo sempre os passos da China e continuando a cultura tradicional do passado.

A perspectiva oposta sustenta que a desigualdade social mostra cada vez mais uma tendência individualista devido a mudanças na sociedade; a posição social objetiva não é o determinante da estratificação social, os estilos de vida específicos, gostos pessoais, escolhas e compromissos são mais importantes do que os fatores estruturais tradicionais (Grusky, 2001, p. 7). O conceito de vida aqui tem um significado independente, que é completamente diferente do conceito de estilo de vida de Bourdieu baseado na posição social objetiva. Nesse sentido, o segundo abandonou o conceito de classe "tradicional", explicando o estilo de vida e a atitude cada vez mais individualistas de uma perspectiva cultural (Grusky, 2001, p. 21).

Esta perspectiva oposta também é refletida no romance. O estilo peculiar de vida do padrinho Botelho marcou a sua classe social. O papel do padrinho no romance sempre foi independente do outro mundo. Ele não comparecia às festas. Ele vivia uma vida solitária rica, mas não luxuosa. Contudo, a consciência da classe do padrinho não era elevada por causa do seu dinheiro. Mesmo sendo rico, ele ajudou, na mesma, Hipólito a escapar, e permitiu, também, que as mulheres de Padilla fossem à sua casa para fazer barulho. Na família de Botelho, as mulheres geralmente apareciam, cantavam, tocavam e conversavam. As pessoas comentavam que ele vivia num viveiro de mulheres. A verdade era que Botelho tinha o seu próprio gosto especial. Ele só dormia com uma mulher e só esta mulher lhe preparava a cachimbada. A mulher escolhida por Botelho não era uma mulher ignorante. Ela era versada em porcelana chinesa e nas flores. Portanto, podemos ver que o estilo especial de vida e o gosto pessoal também determinam a estratificação social da China, tornando-os fatores decisivos.

A diferença de classe entre os membros sociais provocada pela divisão social do trabalho é um fenómeno social compartilhado pela sociedade humana. A existência e o desenvolvimento da divisão social fizeram a diferença na classe social dos membros sociais ser diferente em dois aspetos. Um é a diferenciação funcional, formando os diferentes tipos de grupos de classe. O outro é que os membros da sociedade são divididos nos diferentes níveis de grupos de classe de acordo com determinados critérios, formando os níveis diferentes de ordem social. A última diferença na classe social esteve relacionada com as desigualdades sociais, que atormentaram a humanidade por milhares de anos. Isso não só influenciou muito as atitudes e os comportamentos pessoais, mas também constituiu a estrutura básica da sociedade.

O sistema de identidade é uma criação da consciência de classe na China. Nesse país, a distribuição da classe social dos membros da sociedade foi sujeita pelas restrições de identidade. Ao entrar no círculo de identidade, é quase impossível alterar a sua classe social, exceto por alguns canais especiais de recuperação. Tomando a família Padilla como exemplo na obra, Padilla e a mãe de Victorina ambos tentaram r alterar o seu estatuto social durante toda a vida. Porém, sob o sistema social da vigente naquela época, isso não era exequível.

Porque é que essa consciência de classe é tão prevalente na China?

É difícil chegar a uma conclusão sólida, devido ao facto de a sociedade chinesa ser muito grande, com mais ou menos algumas particularidades: primeiro, a sociedade chinesa sempre teve as suas diferenças vincadas O pano do tempo no romance é a Guerra do Ópio, a fundação de Hong Kong e o rápido desenvolvimento da colónia inglesa. No entanto, a consciência de classe não é apenas daquela época. A polarização entre ricos e pobres era muito evidente, e a diferenciação da propriedade social não era exceção. A discriminação é um fenómeno extremo na estratificação social. A discriminação racial e o isolamento são fenómenos muito agudos. No passado, este fator era muito sério, pois a diferença na sociedade chinesa não tinha sido formada num dia. A sociedade chinesa tem



sido uma sociedade muito diferente desde os tempos antigos. Porque é que as diferenças sociais chinesas são tão grandes? O motivo é muito complexo de ser explicado. As diferenças entre as regiões na China sempre foram grandes, o que pode explicar o facto de o país ser sempre centralizado. Antes da Dinastia Qin, a concentração de recursos não era muito alta por causa das disputas nacionais. Depois da mesma, os recursos entraram num sistema centralizado. Pode-se provar, a partir de vários livros históricos, que o sistema centralizado foi estabelecido a partir da Dinastia Qin. Por causa deste sistema a centralização dos recursos foi bem diferente. Os bens concentraram-se no âmago do poder, resultando em áreas centrais e marginais. A área central dispunha de quase toda a riqueza, ao invés das áreas marginais.

Os diferentes estudiosos apresentaram visões diferentes sobre o porquê da sociedade chinesa ter criado este fenómeno assim tão concêntrico. Algumas pessoas pensaram que isso poderia estar relacionado com o governo do Rio Amarelo. O centro de requisitos de governança do Rio Amarelo estava encarregue de coordenar a montante e a jusante. Em qualquer caso, uma sociedade central é uma que faz uma diferença enorme. Segundo, a sociedade chinesa esteve sempre marcada pela sua profundidade e pela falta de classes médias. A estrutura social tradicional é uma estrutura em forma de pirâmide. Muitas sociedades estão assim definidas. Os recursos são controlados pela classe superior e a maioria das classes inferiores ocupam-se dos recursos pequenos, o que cria esse fosso enorme. A sociedade chinesa é a mais proeminente das sociedades em forma de pirâmide, porque é composta das várias classes, que na China são chamadas de oficiais, agricultores, trabalhadores e negociadores. Os agricultores eram os que ocupavam a fatia maior do bolo social. A classe oficial equivale à classe média de hoje, embora a sociedade chinesa tenha atribuído mais importância outrora. Contudo, não é uma classe muito abrangente. A classe oficial desempenha um papel importante na sociedade. A maioria dos nobres no romance pertence a ela. Na sociedade imperial, o poder imperial basicamente governou todo o território através da classe oficial, o que os leva a ocupar o topo da pirâmide social. A classe oficial foi basicamente criada pelo sistema de exame imperial após a Dinastia

Sui. Os nobres podiam, também, obter essas posições através da transmissão dos seus ancestrais, resultando na classe burocrática. A estrutura social da China não era explicada pelas teorias tradicionais. A China sempre foi uma sociedade burocrática. O fundo da sociedade piramidal era muito extenso. Havia menos pessoas na classe média na China (a classe oficial). Porém, era uma classe que não se podia ignorar, pois desempenhou o papel de grupo de elite. Devido à criação do sistema de exame imperial desde muito cedo, as pessoas foram eliminadas através da competição. É, também, a razão pela qual Chico teve direito a uma educação boa, assim como Victorina ter entrado numa escola aristocrática. Apesar dos problemas com este método de exame, que, por exemplo, enfatizava muito o conteúdo das escrituras, este era um modo de treinar as apetências culturais das pessoas com testes de inteligência. Isso pode filtrar um grupo de pessoas de um modo cíclico. Ora, isso era algo que não estava disponível nos outros países naquela época. O sistema da sociedade antiga chinesa era superior. A razão principal é o facto de o sistema de exame imperial ter sido fundado há centenas de anos. Os outros países do resto do mundo não conseguiam exceder este nível. Absorviam as personagens de elite na sua própria classe oficial. Embora sendo a classe média e não tendo muitas pessoas, a classe oficial exercia uma influência enorme. Esta estrutura social tem funcionado até hoje. Atualmente, a China ainda é uma sociedade de definição média. A forma da pirâmide mudou, mas ainda é uma sociedade de fundo grande, com os chineses ainda tendo consciência de classe.





## **Capítulo II O pensamento conservador na China**



A impressão que os chineses deram desde os tempos antigos é conservadora e inflexível. Depois da reforma e abertura, o pensamento tradicionalista da China melhorou. Durante a Dinastia Qing, o país tinha as portas fechadas; uma prova inquestionável disso era a sua recusa em dedicar-se a assuntos estrangeiros. No início do século XX, no romance, inclusive as pessoas não gostavam da civilização moderna e resistiam à mudança. Quase toda a gente da obra estava "envenenada" pelo pensamento retrógrado.

## **2.1 A vulnerabilidade da mulher**

Um aspeto típico do pensamento conservador da China é a vulnerabilidade da mulher, no que diz respeito à procriação bem-sucedida. Talvez o protagonista Chico deva agradecer isso. No terceiro capítulo do romance diz-se que, mesmo que ele fosse criança, não seria apreciado pela sua família. Porém, como foi a única pessoa desta família capaz de continuar a linhagem em Macau, recebeu uma educação boa na sua infância. No livro, encontramos uma personagem que representa o chinês típico, que era o patrão do restaurante que Chico regularmente frequentava, durante a sua estadia na “cidade chinesa”. Esse sujeito possuía duas esposas, e delas só tinha filhas. Esse facto levou as pessoas a pensar que este senhor era daqueles homens que “não tinham cumprido o que para mulher chinesa era essencial” (Henrique, 1985, p. 66). Para resolver este imbróglio, Chico deu uma ideia ao patrão e pediu que ele encontrasse uma menina entre os 15 e os 18 anos. O indivíduo não ficou completamente convencido com a proposta do protagonista, e ao invés, recorreu ao método tradicional mais conservador na China para asseverar a situação. Ele fora ao adivinho e este lera-lhe a palma das mãos e as rugas do rosto. A resposta fora idêntica à de Chico. Naquela época, as pessoas não acreditavam na Ciência, algo que Chico aproveitava para obter benefícios do patrão. Acerca da consulta com o adivinho, o patrão chinês sabia que isso era superstição, mas, ainda teimosamente, acreditou. Mesmo quando se casou com a tal menina, foi de novo consultar o vidente para encontrar o dia propício.

A protagonista Victorina e o seu pai, Hipólito não estavam isentos ao “envenenamento” da percepção da vulnerabilidade do ser feminino. Quando ela nasceu, o seu avô Padilla exclamou, “Uma rapariga! É preciso ter mesmo azar!” (Henrique, 1985, p. 138). Depois disso, o pai de Victorina, Hipólito, nunca mais conseguira fugir da sombra da ameaça de Padilla:

“O espanhol foi franco, afiando a sua catana minaz:

-Quero um neto... ou vai tudo razo, homem! Não te deixaremos dormir e comer do melhor, sem que cumpras o que é da tua obrigação. Isto de gelado aos vinte e tal anos é coisa que não se mete na cabeça de ninguém. Arranja-te como entenderes... consulta médicos, curandeiros ou feiticeiros ou lá o que aparecer. Contanto que acalmes os nervos da minha princesa e lhe enchas a barriga, homem! Um neto... ou isto acaba mal.” (Henrique, 1985, p. 141)

Através das palavras de Padilla, podemos perceber a importância deste assunto. As pessoas naquela época davam muita atenção ao apuramento do sexo dos descendentes. Da mesma forma, a premissa da sucessão é o casamento. Após o casamento, a mãe de Victorina ficara particularmente feliz. A atitude da família para com a filha casada era muito diferente da das outras duas filhas solteiras. Era, simplesmente, intolerável. Quando a esposa iria ter um segundo filho, a primeira preocupação de Hipólito não era a segurança dela durante o parto, mas sim a averiguação do sexo do bebé. Se nascesse uma rapariga, teria decerto a catana do sogro sobre ele e perderia a paz relativa que usufruía nesses meses de gravidez da mulher. Felizmente, nascera um filho, Paulo. Este rapaz era muito importante nesta família. Padilla exigiu um baptizado de estalo. Esta criança era tudo para a família. Paulo trouxe alegria e também trouxe desgraça. Mais tarde, adoecera. Nos pensamentos conservadores daquela época, a raiz desta enfermidade encontrava-se no tratamento deficitário a que tinha sido sujeito, o que no final o fadara à morte. O vulto do preconceito da vulnerabilidade da mulher sobrevoou toda a gente, até ao final do romance, onde o autor resume que o tio,



“Analisou a vulnerabilidade da mulher, numa sociedade injusta de prevalência masculina, invetivou o despudor satânico dos homens que só querem divertir-se e depois sacodem de si a responsabilidade das consequências. Evocou a honra, a santidade do matrimônio, a beleza da virgindade, guardada até o himeneu sagrado, como forte esteio ‘contra este mundo empedernido de materialismo’. E apontava, inspirado, como exemplo, a Victorina, essa rosa ebúrnea de pureza” (Henrique, 1985, p. 372).

Na China, desde os tempos antigos até ao presente, a causa da noção de vulnerabilidade da mulher é, para os mais velhos, a sucessão. Mais precisamente, é a tradição dos sobrenomes e a herança da propriedade. Na maioria das famílias, esta fragilidade é considerada tanto em termos de necessidades reais, como de cultura tradicional.

A discriminação da mulher acontece desde o nascimento. Durante o crescimento, os pais sentem que a tem a obrigação de filha casar mais cedo ou mais tarde, o que os impele a investir o mínimo possível nas meninas. Muitas delas, nas áreas rurais, não recebem apoio para a educação. Mesmo depois de se casar, se a família do marido se preocupar, também, com a sua fragilidade, muito provavelmente não será a mais indicada das famílias. Afinal, são os pais que criam os seus próprios.

As mulheres não obtêm o respeito e nem a compreensão, são julgadas pela rentabilidade que possam vir a proporcionar, o que cria imensas ruturas no tecido social. Na época, muitas destas esposas enfrentavam problemas nas relações com as sogras o que as levava a depressões. Quão bizarro era esse o relacionamento? Se olharmos para a trajetória completa de crescimento de uma mulher, a esta era-lhe privado amor na infância; depois do casamento, teria que lutar com a mãe do marido pelo amor do filho. Esta noção de fragilidade feminina influencia a China largamente. Como todos sabem, a China é um país enormemente populado. Porque tem assim tantas pessoas? Nos tempos antigos, todas as famílias tinham muitas crianças, assim como o patrão do restaurante no romance,

porque o objetivo era fazer nascer um varão, o que os impelia a continuar até se consumir esse objetivo. Antigamente, as mulheres não tinham posições definidas na sociedade, o que levou à adoção da poligamia na China. O trabalho das mulheres era parir filhos. Mais tarde surgiu o planejamento familiar, com cada família a poder ter apenas uma criança, de modo a controlar os níveis populacionais chineses.

## **2.2 A sociedade patriarcal**

Na China, a percepção da vulnerabilidade da mulher é um conceito que gera desigualdade entre os homens e as mulheres, sendo um dos pilares construtores da sociedade patriarcal presente. A China passou por mais de 2,000 anos de sociedade feudal, deixando muitas marcas ao longo do tempo. A ideia da fragilidade feminina teve uma grande influência na China socialista, durante os primeiros anos do Século XX. Valoriza o poder dos homens e ignora os direitos das mulheres. Este tipo de pensamento tem uma grande influência negativa. Em primeira instância, os pais são os primeiros professores das crianças, e os seus ensinamentos afetam diretamente o desenvolvimento das mesmas. Na sociedade moderna, ainda se podem ver três ou quatro crianças em algumas casas rurais. Várias são meninas e a mentalidade de ter um filho continua presente. Da mesma forma, queria o patrão chinês do restaurante na obra ter crianças, mas, acima de tudo o resto, queria ter um filho. Como já vimos anteriormente, foi esse mesmo raciocínio que levou Hipólito e a sua esposa a fazerem um segundo filho, pois o primeiro não tinha sido um rapaz. Nesta família, as meninas estão encarregues das tarefas domésticas pesadas. Não há posições para elas em casa, as raparigas não podem desfrutar do mesmo tratamento que os rapazes. Essa diferença estava presente entre Victorina e Paulo em casa. Por outro lado, isso desenvolvia nos varões um sentimento de egoísmo, em que estes não se dispunham a ajudar os outros, contingência essa que pode ser atestada pela seguinte citação,

“Desde manhã até à noite, ecoavam o seu infatigável tagarelar, as suas correrias e diabruras. Com a educação manifestamente má, deixara há muito de ser o garoto

encantador da infância. Aos dez anos, já tinha uma físga, ia aos ninhos na mata da Guia e trucidava todo e qualquer passarinho inocente que estivesse ao seu alcance. Os ralhos não produziam o menor efeito, porque sabia que nunca era castigado. Todos se empenhavam em desculpar as suas pequenas malandrices, atribuindo que eram fruto da idade” (Henrique, 1985, p. 175).

Alguns pais esperam muito do menino. Se as notas na escola não forem boas, os pais vão bater nas crianças, tornando-as anti sociais Isso pode ser visto em Chico, que só tinha medo do seu tio por causa das esperanças altas. Ao mesmo tempo, a ideia da indefensabilidade da mulher gerou outro problema, a sociedade patriarcal conservadora na China.

Como é sabido, a sociedade patriarcal é uma sociedade dominada pelo homem. Desde os tempos antigos, a China tem um tipo de pensamento que o dono da família é a figura masculina. Nesta família, tudo deve obedecer a este homem, a mulher não tem o direito de falar nem a tomar decisões. Isso é evidente na segunda parte do romance.

Primeiro, Hipólito tem de se casar com a filha de Padilla, embora o pai dele não concorde. A razão para estar com medo é o seu pai, “Sabia quão inflexível era Cristóvão Vidal, draconiano no conceito que tinha dos homens. Uma vez riscados da sua consideração, eram-no para sempre” (Henrique, 1985, p. 127). Hipólito vivia sob o jugo autocrático do pai. Não era concebível que a dignidade do pai fosse manchada, naquela época. A família Padilla e a família Vidal quebraram laços completamente porque Padilla tocou neste ponto. A família Padilla teve uma grande briga com os Vidais na frente dos seus convidados, o que fez com que Hipólito fosse expulso de casa.

“O violador da sua filha é maior. Eu nada tenho que ver com as suas loucuras, não respondo por elas. É a ele a quem deve pedir contas da sua irresponsabilidade. É ele que deve casar com a sua filha, pois a descaroçou. O rapaz mentiu-me, desonrou-me. De hoje em diante, deixou de ser meu filho. Só tenho um agora. O violador da

sua filha não está aqui escondido. Foi tão cobarde que nem sequer voltou. Não permitirei que atravesse a minha porta. Está algures, a chafurdar na lama. Agora, retire-se imediatamente ou chamo a Polícia” (Henrique, 1985, p. 136).

Naquela época, aos homens, uma vez que o filho da família fosse adulto, era tão responsável pelos seus atos, como o seu pai. O pai é o dono da família. Assim que haja algo que ameace a sua posição, ele não poupará esforços para evitar o descalabro. Até mesmo que isso signifique o sacrifício do seu próprio filho. No caso da autocracia absoluta, tudo deve ser confessado. Por isso Hipólito foi expulso da casa, sem chance de voltar. Ele cometeu um ato que o seu pai não pôde perdoar, e portanto, teve de sair da casa. Não é apenas o pai de Hipólito uma figura típica no romance. Padilla também o é. O espanhol eram um verdadeiro tirano. Hipólito sentiu-se nesta atmosfera quando entrou na família Padilla, pois o patriarca controlava tudo. Padilla sempre espancou a sua esposa e as duas outras filhas, que não ousavam resistir.

A influência deste sistema patriarcal nas pessoas estava refletida em Victorina. Embora esta não tenha sido amada pela sua família desde que nasceu, sempre tinha em conta Padilla como sendo o dono na família. Por isso, ela o admirava. Como era o senhor da casa, o dominador, nutria por ele uma devoção tocante. Por causa disso, Hipólito saiu de casa para Xangai e, não obstante, Victorina cuidou de Padilla desde a sua doença, até à morte. A protagonista assistira diariamente a cenas deprimentes, carregada de um crescente sentimento de desprezo. Ela preferia um pai bruto, como o avô, àquela coisa amorfa e abúlica, empurrada eternamente pelos outros. Ela não acreditava que fosse o pai a pagar as despesas do colégio, mas sim o avô que modestamente não desejava sobressair como responsável da sua educação.

Na família Vidal, este sistema patriarcal que vemos é denotado na dignidade do pai, que não pode ser violada, ao passo que, na família Padilla, vemos que faz com que as mulheres não ocupem posições relevantes na família.

“Aqueles mulheres estavam unicamente para o servir e cuidar das lides domésticas. Ganhar dinheiro para a casa era só com ele, que se consideraria vexado, se outra fosse a solução. Mulheres independentes, não as admitia de forma alguma” (Henrique, 1985, p. 186).

Por causa da educação de Padilla, a esposa de Hipólito e Victorina também foram afetadas e feridas. Embora Hipólito não tenha posição em casa, ele continua sendo um homem, confiando na sua esposa. Depois ter saído, a família, ao perder o seu homem, desmoronou-se. Por causa desta situação, Victorina vivia uma vida dolorosa após voltar para casa. Seguindo o que foi dito anteriormente, esta rapariga recebera uma educação essencialmente doméstica, e porque, naquela época, nenhuma mulher decente trabalhava em profissão alguma, ela submetia-se, pois, outra coisa não havia a fazer. Para ela, só existiam três caminhos: ou casar-se, ou ficar uma solteirona seca, ou ir para o convento. Quando Padilla morreu, Hipólito saiu, a mãe e Victorina viram-se sem as dependências. A mãe de Victorina tinha vergonha de ser uma “esposa abandonada e repudiada”.

A sociedade chinesa antiga é uma sociedade patriarcal baseada na família. A casa faz parte da raça e a família é a base do país. A manutenção da estabilidade familiar é a premissa da estabilidade nacional, o patriarcado é o núcleo essencial para a manutenção da estabilidade familiar. O patriarcado teve, assim, uma influência profunda nesta sociedade. A comunidade chinesa antiga era uma sociedade agrícola onde a economia natural dominava. A casa e a família são as organizações económicas mais básicas da sociedade. A construção superior é decidida pela base económica. Portanto, a estrutura social antiga desse país era baseada na família. Por isso, a família era o mais importante para o tio de Chico.

A família é a célula do país, manter a estabilidade da família pode significar a estabilidade nacional. O confucionismo tem por base o domínio e o domínio da cultura tradicional chinesa, o sistema familiar e a ética familiar são a principal prioridade do pensamento tradicional confuciano. No mundo inteiro, a família é a base da sociedade,

mas na China, a família torna-se toda a sociedade. Portanto, podemos dizer que a sociedade chinesa é a família chinesa. O nome “pai” começa com o sangue, mas desde que o confucionismo introduziu a ética no âmbito da etiqueta, “pai” foi mais longe no sentido político e cultural. O "pai" cultural está intimamente relacionado com o patriarcado feudal da China, há milhares de anos e tornou-se um símbolo protótipo de moralidade, autocracia e autoridade na cultura tradicional chinesa.

Na família chinesa o “pai” toma propriedades de uma deidade, onde todos os recursos estão sujeitos a ele. Podemos ver isso em Padilla. Os direitos económicos, direitos legais e direitos religiosos eram controlados pelo sistema patriarcal. Sacrificar os ancestrais era algo importante na antiguidade chinesa. Era algo realizado pelo pai em nome da família, de modo a tornar a sua identidade mais sagrada.

A antiga lei chinesa defendia estritamente o poder patriarcal e determinava legalmente a autoridade do pai.

Por um lado, a tradição do sistema familiar chinês é favorável à manutenção da economia natural auto-suficiente feudal e favorece a manutenção da estabilidade nacional. Por outro lado, enfatiza excessivamente o parentesco, levando à integração nacional, a nomeação de agências administrativas e burocratas, resultando em vários grupos de interesse.

O autoritarismo liderado pelo sistema patriarcal dominou as forças da liberdade e da nascente, levando à autocracia e ao estabelecimento de toda a sociedade feudal. Como quebrar o velho sistema e autoridade? Como alcançar o progresso social? Tornava-se, assim, o sistema patriarcal o maior obstáculo para o progresso. A expansão e a arbitrariedade do poder patriarcal são reconhecidas pelas leis antigas, o que leva ao abuso do poder parental. É também a base para o abuso de poder pelos monarcas posteriores, o que torna o estado feudal corrupto.

Pode-se dizer que o sistema patriarcal conservador da China levou a sociedade

feudal da China ao seu desaparecimento. O autor refletiu a cultura e as características da sociedade chinesa através das características dos personagens naquela época, como já se referiu. O professor Arthur Wolf, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, afirmou que o surgimento de um sistema patriarcal forte na sociedade chinesa estava intimamente relacionado com sistema político altamente unificado da China, o sistema de raças e a noção de diferenças de gênero (Wolf, 2005, p. 223). Um sistema patriarcal forte ajuda a manter o governo autoritário. No romance, podemos pensar na família Padilla como se tratasse de uma pequena amostra, onde o sistema patriarcal imposto por Padilla manteve-o como figura autoritária. Todos na família devem ouvi-lo, caso contrário, sofrerão infortúnios. O autor expressa as falhas do sistema e da cultura chineses daquela época através desta forma.

As mulheres jovens são férteis na idade adulta e não têm medo de criar os seus filhos. Do ponto de vista psicológico, criar ou não gerações futuras é um problema de sobrevivência para este grupo, é a necessidade de sobrevivência mais básica. Na sua opinião de que as futuras gerações querem mais homens, Chico aproveitou esta psicologia e negociou com o dono de restaurante chinês. Porque os homens não têm a capacidade de criar, eles são mais dependentes das suas mães do que as outras mulheres, o que significa que os homens são mais dependentes das mulheres na essência e mais temem as mulheres. Como esta fertilidade e habilidade parental têm potencial para controlar os demais, os grupos masculinos só se poderão multiplicar dependendo das mulheres. Devido a esta diferença fisiológica, os homens espalham esta noção de inferioridade psicológica feminina e disseminam o medo da eliminação inevitável das mulheres. Esta é uma motivação importante para os homens tomarem a iniciativa.

Na mais antiga sociedade primitiva, as mulheres eram os atores dominantes na sociedade, pois eram elas o ser fértil, e não o macho. A classe das mulheres era muito superior à dos homens na importância da reprodução étnica. O acesso das mulheres a frutas e outros recursos era mais estável do que a caça masculina. As mulheres não confiavam inteiramente nos homens no que toca aos recursos materiais. Neste ponto,

podemos ver a diferença da sociedade posterior. O que o autor quer expressar no romance é que muitas mulheres na comunidade daquela época não poderiam sobreviver sem homens. Por exemplo, a mãe de Victorina. As contrariedades são a mulher chinesa A Tai, as outras filhas de Padilla e Victorina. Elas sabiam que conseguiam ganhar dinheiros sozinhas.

Vamos voltar a este ponto de vista. Com o desenvolvimento da produtividade e o enriquecimento dos recursos materiais, os humanos começaram a ter o desejo de possuir meios para aliviar a sua ansiedade pela fome e a morte. Neste momento, os homens conseguiam obter mais recursos materiais devido à sua estrutura fisiológica. O instinto das mulheres levava-as a desejar esses mesmos bens, mas careciam dos recursos físicos para os obter. Foi nessa altura que os homens descobriram que podiam controlar as mulheres através dos recursos materiais, de modo a que as mulheres criassem os seus filhos. Este padrão comportamental aliviou o medo de fertilidade dos homens. Portanto, os homens confiaram nas suas próprias vantagens físicas para ganhar posição na sociedade primitiva que só podia confiar nos recursos materiais simples e violência física. Ocupando a posição dominante dos recursos materiais, também dominou a relação entre os dois sexos. É como a revolução que derrubou o sistema imperial na Europa. Quando os capitalistas descobriram que a riqueza que possuem podia ser trocada pela vantagem psicológica sobre a nobreza, o domínio trocara de mãos.

Em essência, o estabelecimento do patriarcado é o estabelecimento de uma classe dominante. A cultura patriarcal é a educação no estágio dominante para manter a regra. A cultura patriarcal é a orientação ideológica usada para o patriarcado. A fim de assegurar a posição dominante do homem na relação entre eles e as mulheres, criaram-se as imagens sociais diferentes e uma divisão social do trabalho para os homens e as mulheres. Existem muitas diferenças em imagens semelhantes. O ponto comum é que a posição das mulheres depende ou obedece aos homens, as mulheres têm a responsabilidade de ter filhos. É muito claro no romance que as esposas do patrão chinês não são responsáveis por fazer nascer os filhos do homem. Os homens fizeram uso desse ludíbrio para controlar a



fertilidade destas, compensando a inferioridade inerente e aliviando o medo e a ansiedade. Todo o conteúdo da cultura patriarcal é geralmente formulado para este propósito.

O patriarcado pôde ser estabelecido porque houve uma diferença significativa na divisão social do trabalho naquela época. O trabalho das pessoas nos vários aspetos estava mais dependente do trabalho físico. A diferença entre os homens e as mulheres é óbvia a este respeito, sendo que as mulheres estão numa posição fraca na competição. Isso faz com que as mulheres se vejam obrigadas a obedecer aos homens. O homem, como classe dominante, desenvolveu uma série de ideias educacionais para manter a regra. Isso é a pedra basilar da cultura patriarcal.

Sob a educação desta cultura, as mulheres naturalmente pensam que são a cultura patriarcal, tudo o que elas querem fazer é o que deveriam. Mesmo que uma mulher perceba que isso signifique desigualdade, não consegue impedir o processo. As filhas da família de Padilla são assim. Sob a vigília de Padilla, elas não resistiram e todas as atividades rebeldes deram-se após a doença e a morte do patriarca. Porque, no nível mais básico, o modo de luta da sociedade humana, duzentos ou trezentos anos atrás, era um confronto de armas frias, onde a maioria das mulheres era confrontada com os homens nesta querela baseada no poder.

A competição em todos os aspetos da sociedade atual não é baseada unicamente na força física. O surgimento de máquinas não causou uma diferença significativa entre os homens e as mulheres no seu trabalho. O surgimento de armas de fogo, por sua vez, fez com que as mulheres tivessem a oportunidade de derrotar os homens numa luta, o que é bastante diferente de tudo o que se tinha passado anteriormente. As mulheres que são governadas e oprimidas, têm a oportunidade de resistir ao sistema patriarcal e à cultura quando perceberem o seu pesado valor. As filhas da família Padilla aperceberam-se disso mais cedo. Elas tomaram conta dos seus valores muito precocemente, mas não conseguiram resistir por causa do regime violento do seu pai. Uma vez que elas tiveram a oportunidade de trabalhar na cozinha, viveram a vida que elas sempre almejavam.

Há um filme chamado " Thelma and Louise ", que espelha o caso das mulheres, e que pode explicar melhor o problema. “Quando elas tinham armas, a distância entre si e os homens não é mais óbvia.” (Scott, 1991) As necessidades funcionais do desenvolvimento social de hoje na China tende a não possuir diferenças fisiológicas óbvias de género. A maior parte do trabalho não tem diferença de género nas necessidades operacionais reais. As mulheres podem fazer a maior parte do trabalho de produção e ganhar um salário em troca dos recursos materiais. As mulheres com independência económica são mais propensas a ver-se livres do controle patriarcal. Neste desenvolvimento, as mulheres gradualmente apercebem-se das suas verdadeiras necessidades e também que possuem a capacidade de lutar por elas. Os indivíduos do sexo masculino não têm mais vantagem na competição depois de se descontar a força física. O controlo dos homens sobre as mulheres está a desaparecer, a cada dia que passa, porém, eles ainda precisam de continuar a passar uma imagem masculina patriarcal. Os homens tomam a iniciativa de assumir mais responsabilidades na sociedade, o que os faz suportar uma pressão que nunca tiveram antes. Este é realmente um dano sem precedentes para estes indivíduos.

O patriarcado e a cultura patriarcal são um tipo de pensamento e modelo comportamental que o movimento masculino e o feminismo se opõem em conjunto, o que prejudica a natureza humana. É melhor ferir toda a natureza humana do que ferir ou as mulheres, ou os homens. O patriarcado e a cultura patriarcal não são adequados para a sociedade chinesa de hoje. O que é necessário agora é um modelo novo de relacionamento, um modelo de igualdade entre os homens e as mulheres, respeito mútuo e libertação da humanidade, em vez do modelo de relacionamento governo de um sobre o outro. O estabelecimento de um paradigma novo precisa de substituir integralmente o modelo antigo, mas a atual situação de oposição social ao patriarcado ainda é bastante fraca. Talvez isso aconteça porque a maioria dos homens fique fascinada por tal sociedade como uma pessoa especuladora; na verdade, eles não conseguem compreender completamente que o patriarcado e a cultura patriarcal é-lhes prejudicial. Além disso, para a maioria deles,

também é difícil sair dessa “caverna” e ver um mundo diferente, do lado de fora. Somente uma interpretação detalhada do patriarcado pode fazer as pessoas perceberem que este, agora, é um obstáculo ao desenvolvimento social. É essa interpretação que vai fazer com que as pessoas trabalhem para construir um modelo novo de relacionamento.

Na teoria do psicólogo Fromm, a cultura patriarcal tornou-se parte do subconsciente social, um estereótipo que existe profundamente enraizado nas mentes das pessoas. Há muito tempo que a cultura social se acumulou gradualmente. A mudança do subconsciente social precisa da influência constante da cultura social. Essa transformação efetiva-se, paulatinamente, num período longo de tempo. Os humanos tendem a viver num ambiente familiar. Esta escolha faz com que os indivíduos evitem a ansiedade causada pela liberdade. As culturas patriarcais prejudicam a humanidade. Os indivíduos não consideram o dano se não o conseguirem reconhecer. Os indivíduos não podem desistir de um sistema que acreditam ser inofensivo e correr logo a suportar um outro desconhecido. Portanto, ainda há um caminho longo a percorrer na luta contra o patriarcado e a realização da consciência individual.

## **2.3 O pensamento conservador da mulher**

Podemos ver que, sob o pensamento conservador da cultura patriarcal, as pessoas mais feridas são as mulheres. O pensamento conservador das mulheres no século XX não é apenas influenciado pela cultura patriarcal, mas também refletido em muitos aspetos. Podemos ver muitos fenómenos destes no romance. A primeira figura importante feminina da obra é a tia de Chico.

Quando a tia adotou Chico, ela reconheceu que o sobrinho era uma criança inocente e pura. Considerou-o o seu anjo. Através da leitura, descobrimos que aos treze anos, Chico denunciou grande tendência para a vida boémia. Reprovações seguidas impuseram a recusa duma nova matrícula, o que ofendeu a tia, contudo esta era cega em tudo que tocava ao seu querubim. Mais tarde, o tio de Chico encontrou um cavalheiro que queria

ajudar o seu sobrinho, mas ainda assim não pôde fazer nada a respeito. A tia não estava interessada em alterar o *statu quo* daquela época, e passou tratar injustamente o cavalheiro com frieza. Mais tarde, quando Chico começou a trabalhar, era demitido pelo seu patrão por causa da preguiça e da inconsequência pelo futuro, pois firmara hábitos de displicência. Era uma bofetada para as prosápias da família. Por tudo isso, a tia ainda não considerava que fora apenas um erro e manteve o seu apoio. Ela pensou que era a “inveja”, que as pessoas gostavam de diminuir os Frontarias, para se desferrar das “contas” do passado. Ela também fechava os ouvidos ao disse-que-disse e repelia as menores insinuações de ociosidade do sobrinho. No seu pensamento, “O seu Chico, o seu querubim, tão bonzinho, tão devoto, tão cristão! Podia lá ser!” (Henrique, 1985, p. 23).

Analisando a mentalidade da tia, podemos dizer que ela é teimosa, com um óbvio contágio do pensamento conservador. A maioria das mulheres no século XX ainda está em casa e não aceita coisas estranhas. Para o mundo exterior, pode-se dizer que é ignorante. Portanto, as mulheres do século XX representadas pela tia vivem no seu próprio mundo, depois de identificar alguma coisa, não vão fazer alterações. Por isso, a mudança radical na vida de Chico representou um facto inaceitável na cognição da tia. Isso era algo absolutamente impossível.

A outra representante de uma mulher conservadora é a mãe de Victorina. Pode-se dizer que antes de Padilla morrer, ela tinha vindo a viver sob a proteção dos homens. Padilla tratou-a como uma princesa em casa, mesmo que não aprendesse nada, ela ainda desfrutou do tratamento de mais alta qualidade em casa. Quando Hipólito estava em casa, apesar de este ser muito incompetente, ela ainda tinha os filhos, o marido e o pai. Ela gostava do tratamento especialmente favorável que recebia das mulheres naquela época em casa. Por isso, na sua mente, estava tudo bem. Mas quando Hipólito saiu, quando Padilla morreu, tudo mudou. Ela não podia viver de forma independente como uma mulher agora. Como consequência, fechou-se completamente e trouxe este estado espírito e emoção para Victorina. Não deixou que Victorina aceitasse as coisas novas, tentou uma nova vida e deixou esta a viver o seu próprio caminho. Ela nunca se apercebeu dos seus

erros, apenas rezava pelo retorno do marido, no seu próprio mundinho. Ela, ao fim de um certo tempo, arrependeu-se, contudo não confessou a sua culpa. Foi definhando aos poucos, numa inquietante prostração, como se não tivesse mais interesse em viver. Talvez possamos entender isto como o dano que o pensamento conservador traz às mulheres. Estão presas num círculo e de lá não conseguem escapar. Não podem aceitar coisas novas por causa das ideias tradicionais.

Além disso, o que aconteceu com as mulheres é reprimido pelas convenções. Quando Chico conhece Victorina, não era ainda pobre. Victorina esteve interessada em Chico, mas está claro no romance que se encontrava, “Reprimida pelas convenções. Nunca lhe sorriu, nem esboçou o menor gesto, aguardando com o coração assolapado, que fosse ele a tomar iniciativa” (Henrique, 1985, p. 223). A mulher naquela época estava envergonhada. Numa tradição conservadora, elas não puderam mostrar amor aos homens por culpa da sua reputação. Mas não era só isto que estava relacionado com a reputação. Quando Botelho estava doente, Victorina cuidou dele, como já se referiu. Mas aos olhos dos outros, a vida de Botelho era caótica, qualquer mulher que entrasse em contato com ele, naturalmente iria ser controversa. Os velhos naquela época eram mais conservadores. Por isso, aos olhos da avó de Victorina, ela estava conspurcada, já não era uma mulher virtuosa. Naquela época, os pensamentos das pessoas eram retrógrados e paranóicos, como já se frisou. Quando o romance apresentou Victorina, ela mencionou que estava andando pela rua sozinha à noite. Naquele tempo, quando uma mulher atinge uma certa idade, casa-se, inevitavelmente. Ao caminhar sozinha pela rua, as pessoas começaram a comentar sobre Victorina. O povo daquela época sempre gostava de mexericar acerca das outras pessoas. Depois da doença, Chico andou pelas ruas. A uma dada altura, as pessoas descobriram que Chico tinha desaparecido. O cabeleireiro comentava que Chico estava na casa de Victorina e começou, assim, o falatório incessante.

Naquela época, a reputação da mulher era o mais importante, e uma outra ocorrência se sucedeu com outra mulher. Chico, a certa altura, faz uma aposta avultada que teve consequências imprevisíveis para a sua leviandade. O Sr. Saturnino andava ansioso por

arrumar as filhas, e uma vez que o homem encontrou a sua filha, ele convidou o protagonista a beber um vinho do Porto. Depois de saber isso, Chico disse que ele mudaria as suas práticas, mas que não queria se casar com a filha. Chico foi bem-sucedido. Ele sentiu que havia humilhado Saturnino, mas nunca pensou na reputação da sua filha durante todo o processo. A maledicência não a poupou, “porque se sabia ou se dizia que ela estivera, muitas vezes, a sós com o malandro. Fosse como fosse, era uma mulher emporcalhada, por suas mãos” (Henrique, 1985, p. 56). Se isso acontecesse agora, as pessoas não julgariam a sua filha de tal forma, mas naquela época conservadora, a reputação da mulher fora destruída.

A mulher daquela época estava condenada a viver sob o julgamento dos outros. As chamadas convenções, ou seja, os padrões de vida ditados pelo budismo teriam de ser respeitados. Estes padrões incluíam regras e regulamentos, que vinculam os pensamentos e comportamentos das pessoas.

## **2.4 Os pés de lótus**

No romance, outra característica conservadora da sociedade são os pés de lótus. Quando se escreve sobre o patrão do restaurante chinês, podemos ver que os pés da sua esposa estavam embrulhados, muito pequenos e dificilmente conseguiam manter o equilíbrio. Os estudos apontam que este fenómeno dos pés de lótus se originou na Dinastia Song do Norte. Originalmente popular entre prostitutas, gradualmente afetou as mulheres da classe média e alta. Nas Dinastias Ming e Qing, esta obsessão tornou-se popular entre as mulheres da classe geral, todas elas estavam vidradas nos seus pés. Naquela época, as pessoas, tanto homens, como mulheres, achavam que os seus pezitos eram lindos. Especialmente para os homens, os pezinhos traziam consigo atração sexual. Porque existiram os pés de lótus na China antiga? Diz-se que por causa da dificuldade em andar após a torção dos pés, os músculos ao redor da vagina são exercitados. Evitava, deste modo, o relaxamento vaginal, causando uma constante contração desses músculos. Esta cultura conservadora da China desapareceu após a fundação da República Popular da

China. A última vez que se verificou um caso de pés de lótus ocorreu em 1957. Isso mostra que este tipo de pensamento conservador ainda tinha um impacto profundo na China, que era muito prejudicial para as mulheres.



**Figura 1- Os pés de lótus**

Através desta imagem, podemos ver que esta mutilação não só deixava os pés muito pequenos, como também os dobrava, causando um atrofio no desenvolvimento normal dos membros. Além dos rumores de que o pé estava estritamente relacionado com o sexo, haviam outros livros que argumentavam que a este ritual era ideal para aprisionar mulheres em casa e limitar o escopo das suas atividades. Isso fez com que as mulheres mudassem o seu estado físico e a fisiologia sexual, herdando assim melhor as ferramentas reprodutivas das gerações futuras. Através da imagem, podemos ver que o pé se encontra deformado, e quando esta toca o chão, cada passo afeta o movimento da cintura. Após um longo período de tempo, a cintura das mulheres torna-se desenvolvida e afeta o pélvi, o que afeta a sexualidade e a fertilidade das mulheres. Este fenómeno é, também, um produto da sociedade patriarcal. Após este processo de deformação, as mulheres ficavam restringidas em termos de trabalho e comunicação. Só podiam viver em casa; de pé e caminhando precisavam de se apoiar na parede. Desta forma, a fraqueza da mulher tornava-se uma realidade. Mesmo que as mulheres estivessem insatisfeitas, nada podiam

contra. Isso também pode ser considerado opressão e controlo sobre as mulheres. (伊世珍, 元代)



Figura 2-Os pés de lótus com um pano

Olhando para esta foto podemos ver que um pano é usado para a a formação dos pés de lótus, mas não podemos imaginar o quão doloroso é o processo. O primeiro passo é a torção dos quatro dedos do pé (à exceção do dedo grande) em direção ao centro, para posterior polvilhação de alume nos mesmos. No fim, deixava-se a pele convergir e tinham-se cuidados ocasionais para evitar a infeção através do mofo. Os pés eram, depois, enrolados num pano envolvido com agulhas. Este processo geralmente levava cerca de dois meses. Passado esse tempo, moviam-se os quatro dedos já dobrados para trás, deixando algum espaço entre eles para evitar que se unificassem. Depois de ter envolvido os pés, o próximo passo era arquear os pés. Depois de os dobrar, o objetivo era que se respeitasse um comprimento padrão, que era de 10 cm. Durante o processo da fixação dos pés, a pele tornava-se roxa, por culpa das deslocações e torções e os pés ficavam inchados. De noite, os pés aqueciam imenso, na hora de ir dormir. Se a mulher afligida os colocasse na colcha, não só lhe iriam doer, mas também os abafava, por isso só conseguia dormir como os pés de fora. Era normal que adormecessem a chorar com as dores. Este era o



doloroso processo que infligiam às mulheres chinesas. (老北, 2010)



Figura 3-Calçados pequenos

Como podemos ver, este é o calçado pequeno da China, cujos sapatos foram criados especificamente para as mulheres daquela época. Embora após a fundação da República Popular da China se parasse com os pés de lótus nas mulheres, infelizmente, a última fábrica de calçados pequenos da China foi só fechada apenas em 1999. Pode-se ver que esta história durou muito tempo na China e arruinou muitas mulheres.

## 2.5 Rejeitando as coisas estrangeiras

Ao ler o romance, constatamos que as pessoas daquela época eram avessas à mudança. A vida e a morte são fatalidades pelas quais todos nós temos de passar. Mas na obra, as pessoas do século XX que viviam em Macau, eles 'recusavam-se a receber médicos ocidentais. A primeira pessoa a morrer no romance é a tia de Chico.

“Como toda a gente antiga de Macau, valeu-se primeiro das mezinhas e tisanas caseiras. Não melhorou. Mandou chamar o ‘mestre-china’, o curandeiro e o ervanário da casa, de preferência ao médico português, vindo laureado pela Universidade de Coimbra” (Henrique, 1985, p. 27).

Embora os médicos chineses tenham granjeado conquistas notáveis em muitos

aspectos, naquele tempo, a China era fechada, não atualizou a sua tecnologia, nem os equipamentos médicos. Ao manter o tratamento tradicional, não conseguia resolver problemas relacionados com as doenças que a sua medicina não tratava. Mesmo que o médico chinês não fosse capaz de curar a tia, a esta não lhe passaria na cabeça ir ao hospital. Nos seus ideais conservadores, as pessoas pensavam que só se ia ao hospital quando se esgotavam todos os recursos. Visitar esse local era como morrer. O autor entende tudo isso. Tanto ele, como os médicos sabem que isto é fruto da ignorância.

Padilla tinha como alvo alcançar a alta classe, objetivo esse que se prolongou ao longo da sua vida, como vimos. As ferramentas com que se munuiu para tal tomaram a forma da medicina chinesa. Quando Padilla aparece no romance, o autor explicou o seu conceito conservador. “Não acreditava nos médicos da medicina ocidental que desprezava. Viera desta vez rendido por causa das dores que as tisanas e os preparados dos curandeiros e ervanários não conseguiam diminuir” (Henrique, 1985, p. 118). Mais tarde, a sua filha engravidou pela segunda vez. Ele acreditava que estava tudo relacionado com os chás dos ervanários que Hipólito tinha para beber. Não havia dúvida de que era outro o motivo. O seu conceito conservador é inflexível e ignorante.

Mais tarde, Padilla tornou-se um médico de medicina tradicional chinesa para tratar as outras pessoas. Ele não requereu licença, nem colocou nenhuma tabuleta à porta. As pessoas sabiam quem ele era, consultavam-no. O autor explica claramente:

“Este desafio às autoridades sanitárias só se compreendia numa época e num território em que a maioria esmagadora da população recorria a curandeiros, de preferência à medicina ocidental de que desconfiavam e descreiam” (Henrique, 1985, p. 169).

A realidade era essa. Naquela época, a ideologia feudal dos chineses não aceitava nada vindo de fora, incluindo a medicina ocidental. Eles acreditavam piamente nos métodos utilizados no passado, de modo que perderam a sensibilidade para julgar novos

factos de forma justa. Simplesmente agarravam-se ao que estavam desde sempre habituados e não aceitavam nada que fosse novidade vinda do exterior. A perspetiva do autor acerca de tudo isso é irónica, e isso nota-se quando este descreve os conceitos presentes na cabeça de Padilla, “Com desprante, troçava dos médicos encartados pela universidade nacional, que no dizer dele, só serviam ‘para matar gente e ganhar dinheiro” (Henrique, 1985, p. 169). De facto, eles só acreditam nas suas próprias ideias, rejeitando por completo a ciência.

Como o obstinado pensamento feudalista de Padilla é conservador, uma tragédia adicional ocorreu na história para ilustrar a incorreção dos seus pensamentos. Numa ocasião, Padilla deparara-se com a doença grave do seu neto, mas, como quem não acreditava na medicina estrangeira, não consentiu que ninguém se intrometesse no tratamento, encarregando-se ele próprio de o tratar do modo tradicional chinês. Ele, eventualmente, declarou a sua impotência em debelá-la, reuniu os curandeiros amigos que examinaram, finalmente, a criança... Tudo sem efeito. Hipólito, nem sequer pôde requerer a vistoria de um médico ocidental, pois Padilla o recusou e repreendeu o filho por este ter confiado em charlatães, que era o rótulo que se estampava naqueles praticantes. O neto morreu, infelizmente, contudo, Padilla teimosamente culpou o médico ocidental e o seu filho de serem os carrascos. A sua ignorância não apenas feriu a sua família, mas também a ele próprio.

Quando Padilla padecera da sua doença, por sua vez, chamaram-se os seus colegas de medicina. Assim, como com o seu neto, nada fizeram com ele. Hipólito sugeriu, por piedade, que o levassem para o hospital, ao que lhe responderam: “Se estes não podem fazer nada, muito menos os outros. É só gastar dinheiro” (Henrique, 1985, p. 181). A mesma coisa aconteceu com a mãe de Victorina. Victorina aconselhou-a a ir ver um médico ocidental, mas foi confrontada com uma oposição tenaz, pois pensava-se que era um desperdício de dinheiro. As pessoas naquela época eram como sapos no fundo dum poço. Somente acreditavam nas coisas que existiam desde os tempos antigos, repelindo a

novidade. Pode-se, com segurança, afirmar que isto constitui um ato teimoso e ignorante. Não é que eles acreditem que isso esteja totalmente errado. É uma ideia conservadora que os faz não olhar para o problema de duas maneiras.

O exemplo oposto é Victorina. Embora ela também esteja contagiada com hábitos tradicionais, não é tão inflexível. Ela aceitou coisas novas e aprendeu culturas novas. Devido ao facto de ter sido educada numa escola, ela poderia escolher entre enveredar por uma carreira na enfermagem, num hospital, ou tornar-se uma praticante de medicina ocidental. Ela aconselhou a mãe a ir ver um doutor, mas quando ouviu as pessoas ridicularizarem a medicina tradicional chinesa, comentando que estava ultrapassada e era enganadora, enraiveceu-se. Ela sabia que o modelo tradicional tinha uma história prática com milhares de anos. Se fosse assim tão execrável quanto eles diziam, não haveriam chineses. Esta era a diferença de Victorina, que não julgava algo através de apenas um prisma. Ela escolheu aceitar a mudança, e descartou o pensamento vigente.

Naquela época, os pensamentos conservadores das pessoas faziam-nas julgar as coisas erradamente. Um exemplo óbvio visto no romance deu-se na altura em que Chico contrai uma doença no pé. Quando as pessoas a examinaram, deiberaram que esta se devia ao seu estilo de vida, o que o levou a ignorar os sintomas reais. Não era, porém, o único a pensar assim. As pessoas pensavam que isso era lepra, e se dera por causa da fornicção com as mulheres. A doença, eventualmente, fora curada num hospital, mas voltara a aparecer mais tarde. Nessa segunda visita, o médico recusara-se a tratá-lo... Não quiseram averiguar as causas do reaparecimento da patologia, simplesmente, atribuindo-o à volta do protagonista aos modos de vida antigos. Depois de Chico ter curado a sua doença no pé, voltou a querer viver. O problema era que ninguém acreditava nele. Ninguém mudara a sua impressão do homem, ao ponto de ser ridicularizado por um “amigo” seu e um colega de trabalho. A razão pela qual ele se apaixonara por Victorina era porque esta se distinguia dos demais, e era a sua benfeitora. A este respeito, o autor formou um contraste através de Victorina e satirizou os conservadores daquela época.

A diferença de Victorina também é mostrada por outro lado. Quando voltou para Macau, desde Xangai, após ter herdado os bens do seu pai, as pessoas começaram a interagir mais com ela. Ela “levou” com um banho de civilização em Xangai, usava, agora, vestidos pendurados e tudo era muito diferente. O autor comenta que, “Passaria despercebida num meio grande como o empório comercial de Xangai, mas jamais no mundo pequeno da ‘cidade cristã’ de Macau, o desafio foi muito comentado”. Mais tarde, ela decidiu instalar um ‘atelier’ de moda que faltava na sua terra. Esta loja não resultou e era motivo de curiosidade e de falatório.

“Numa época, em que as senhoras de sociedade não tinham outras ocupações senão os afazeres domésticos, a audácia de Victorina foi criticada, com motejos. O conservador das pessoas, agarradas aos preconceitos, preferia os costureiros chineses” (Henrique, 1985, p. 267).

O tio de Chico era, também ele, conservador. Naquela época, Macau estava prestes a construir uma empresa de energia e os riquixás tornaram-se populares. Chico, igualmente, conservador, não estava muito convencido com este meio de transporte, pois pensava que um condutor entre os varais nunca estaria seguro. Se o cúli tropeçasse, era um mergulho desastroso. Mais tarde, depois de uma experiência de riquixá, “Gostou da velocidade e admirou o progresso” (Henrique, 1985, p. 330). O tio de Chico, por seu lado, implicou quando se planeou levar um riquixá para a casa de Victorina, “O ‘rickshaw’ é para os comerciantes que têm pressa. A cadeirinha é mais própria para as grandes ocasiões” (Henrique, 1985, p. 376).

Em contraste com tudo isso estava o padrinho Botelho, que vivia sozinho nos subúrbios e não estava vinculado à tradição conservadora do feudalismo chinês. Quando Hipólito estava ansioso para ter um segundo filho sob a ameaça de Padilla, Botelho abriu-lhe o caminho para encontrar outra mulher. Tudo isso abalou os alicerces do modo de pensar de Hipólito, fazendo-o temer a opinião dos outros acerca dele. A resposta dada pelo padrinho demonstrava o seu progressismo e a sua disposição para olhar para os factos

objetivamente:

“Primeiro de tudo, é preciso que te descubram. Se assim for, dirão que sabes aproveitar o teu tempo. Censurar-se-ão os ortodoxos e os pilares da moralidade ou aqueles que te invejam por não terem tido a mesma sorte. E que importa que te critiquem? Nunca havemos de contentar a todos. E os que nos criticam, esquecem-se que têm telhados de vidro” (Henrique, 1985, p. 147).

Além disso, Hipólito fora também ajudado a deixar Macau por Botelho. Ninguém, exceto este último, o faria, tudo porque, aos olhos das pessoas daquela época, era algo completamente sem cabimento. As pessoas não se importavam com a vida dele. Simplesmente, usavam a sua moralidade tradicional para enclausurar essa pessoa. Botelho atribuía relevância reduzida ao casamento, ao contrário de Hipólito. Ao passo que todas as pessoas olhavam para Victorina como sendo uma enfermeira de baixa índole, o padrinho achava, inversamente, que a enfermagem constituía parte de um leque de profissões muito nobre.

## **2.6 A sensação de pertença cultural**

Tal como os chineses que fecharam o país e recusaram-se a aceitar as culturas estrangeiras, os portugueses também têm um sentimento de pertença à sua própria cultura. Mesmo morando na China, mesmo sendo influenciados pela cultura chinesa, não iriam esquecer a sua própria identidade e língua. De facto, para a maioria dos macaenses, Portugal era estranho. No início do século XX, Portugal estava a preparar-se para abandonar a monarquia, e posteriormente, levou as palavras dos republicanos a Macau. Através do romance, podemos conhecer os pontos de vista das pessoas diferentes, “Era republicano, dizia podres da Monarquia e sonhava com um Portugal redimido e próspero, na vanguarda do Progresso, quando fosse varrida a súcia dos Braganças” (Henrique, 1985, p. 344). O patrão do apartamento antigo é um exemplo. Chico vivia ali no período da radical transformação. Há dez anos que ele morava em Macau, mas não era macaense. O

seu tio era um adepto fervoroso da monarquia, assim como Chico. Quando soube que o apartamento onde o sobrinho vivia estava a ganhar a fama de “antro de revolucionários”, pediu-lhe para sair do prédio imediatamente, dizendo, “Os Frontarias foram sempre fiéis a Sua Majestade Fidelíssima. Isto aqui tem fama de antro de revolucionários. Mais uma razão para não ficares” (Henrique, 1985, p. 374). E Chico, embora se encontrasse diariamente com os outros que depositavam as suas esperanças na revolução, não apresentou nenhuma objeção a este repto, “No entanto, não gostava de ouvir aquelas enormidades. Criara-se na tradição do respeito ao Rei, ensinada pela Títi Bitá e pelo Tio Timóteo” (Henrique, 1985, p. 344). Ele não participava nas discussões de política, porque não sabia nada, nem tinha interesse. No fundo, fora influenciado pela educação familiar. Vamos examinar um outro parágrafo:

“Não sabia bem o que isto significava. Tinha uma vaga ideia de que eram aqueles que falavam mal do Rei. Assim o disse. De política, não entendia nada. No passado, só lhe interessavam cama a roupa lavada, bons pitéus e boas mulheres, a boémia e o Carnaval, a boa anedota e palhaçada. Nos anos de miséria, não podia preocupar-se senão com a sua própria sobrevivência. A política e a politiquice eram para os doutores e homens letrados, com estudos. A sua cultura não chegava até ali e nem se ralava. O seu mundo era Macau e os ecos de Portugal apareciam diluídos pela distância e pela demora” (Henrique, 1985, p. 335).

Esta descrição é muito importante. Isso não só narra o estado do protagonista, como também retratava da maioria dos macaenses. Essa era a sua opinião acerca de política e sociedade. Portugal fica na longínqua Europa. Macau é o mundo deles.

A ignorância da política não influenciou a identificação cultural dos macaenses. Eles provieram de Portugal, e, muito rapidamente, a origem materna dos macaenses tornou-se muito complicada. Alguns vieram de África, Índia, até do Sudeste Asiático, como a avó do Chico, que era macaense de uma meia-goesa e meia-minhota. Muito poucos casaram com os chineses. De qualquer maneira, era motivo de orgulho terem o sangue de Portugal.

Normalmente, eles sempre falavam em ‘Patois’, o que tornou o português num idioma especial. O escritor descreve: “é bem certo que o ‘patois’ — uma maralha linguística — é mais doce e sugestivo ouvido do que lido” (Henrique, 1985, p. 3). “No entanto, aqui e ali, cedi à atração, reproduzindo frases em ‘patois’ e noutras introduzi a construção framatial do português falado pelo macaense” (Henrique, 1985, p. 3).

Os macaenses que recebiam uma educação melhor não se esforçaram em deixar as crianças aprender o português legítimo. Assim, poderiam ser respeitados, como é o exemplo do tio de Chico e o avô de Victorina. Os macaenses são católicos e transformaram, os costumes da religião em hábitos de vida. A tendência cultural dos macaenses é evidente por causa da força da língua e religião. Ao conviver com os chineses, os hábitos de vida iriam ser influenciados. Por exemplo, eles gostavam das mobílias chinesas, de fumar ópio e rapé, acreditavam no “mestre-china”, entre outros. Mas estes fenómenos só são alguns exemplos da aproximação dos macaenses aos artefactos chineses. De facto, isso pertence ao campo do gosto pelo que é material, não sendo parte da comunicação cultural (Henrique, 1985).







## **Conclusão**



Na introdução, mencionamos os dois argumentos principais desta dissertação, que são as duas principais culturas chinesas incorporadas no romance *Amor e Dedinhos De Pé*: a consciência de classe e o pensamento conservador da China.

Através da análise, verifica-se que a origem da consciência de classe da China é desenvolvida pela sociedade feudal, além do desenvolvimento humano. Mesmo depois de ter sido extinta essa sociedade, constata-se que este modo de pensar ainda se encontra presente. Este estudo reflete, principalmente, a consciência da classe das pessoas no romance, durante o século XX. Podemos notar que as pessoas se afligiam com este assunto, o que afetava diretamente os seus meios de vida, a qualidade e nível de trabalho, os círculos sociais e encontros matrimoniais, todos inseparáveis dessa percepção social. Na obra, o tio de Chico e Padilla são afetados seriamente por esta contingência, especialmente este último, que lutou a vida toda para alcançar a mais fina classe chinesa. As outras pessoas no romance também são afetadas por este espírito, como Chico, Victorina e a sua mãe. No livro, esta cultura é destacada pelo caráter do personagem e pela descrição da vida que levou. Finalmente, o desfecho do personagem no romance é usado para ilustrar o dano causado por esta consciência de nível. Esta ideia de estratificação social não é defendida, reforçando-se, até, que ainda há um longo caminho a percorrer antes que a China se possa ver livre dela.

O conservadorismo chinês é refletido nos atos de quase todas as pessoas. Primeiro, a tia de Chico recusa-se a considerar a medicina ocidental como uma alternativa realista aos tratamentos tradicionais em vigor, o que a levou à sua eventual morte. A mesma coisa aconteceu com a mãe de Victorina, Padilla e Paulo, que morreram porque não acreditavam nos médicos do Ocidente. A partir disso, podemos concluir que este pensamento conservador estava errado. Através da descrição do romance, podemos também inferir que na China estava profundamente enraizada uma sociedade patriarcal, onde, naquela época, as mulheres não desfrutavam duma posição social de relevo, o que acabava por

ser uma injustiça. O problema era que as mulheres não sabiam como resistir. Sob a influência desta ideia, elas achavam que tudo o que se passava com elas era normal. Através da esposa do patrão do restaurante chinês, descobrimos também o costume da inflição dos pés de lótus às mulheres da época, o que em nada contribuiu para a construção da justiça entre os sexos. Após análise dos fenómenos acima mencionados, podemos concluir que a ameaça à estabilidade do conservadorismo na China são as mulheres, seja no seu quotidiano, durante os seus estudos, trabalhos ou até nos seus casamentos. Estas estão condenadas a viver sob a opressão deste género de pensamento em todos os lugares, o que não as permitia viver livremente a sua vida. Além da influência sobre as mulheres, as pessoas recusavam-se a aceitar noções e ideias inovadoras naquela época, o que também impedia o progresso da sociedade.

O presente estudo possibilitou-nos um melhor conhecimento sobre a cultura chinesa e sobre o melhor método para inverter esta tendência, tanto nos estudos, como no emprego. O caminho da aprendizagem de uma língua é longo, precisamos de colocar mãos à obra e analisar mais peças deste género para fazer progressos.

Cada investigação tem as suas limitações, o presente trabalho também não é uma exceção. Devido ao limite da dimensão de uma investigação destas, só se estudou um romance, o que não é suficiente para uma análise completamente fidedigna da cultura chinesa impressa nos livros de literatura portuguesa. Mais estudos sobre as obras literárias portuguesas devem ser desenvolvidos por estudantes de língua portuguesa.







# Bibliografia

- Blau & Duncan, O. D. (1967). *The American occupational Structure*. New York: Wiley.
- Bourdieu. (1984). *Distinction-A Social Critique of the Judgement of Taste*, trans. by Richard Nice. London: Routledge & Kegan Paul Ltd.
- Bourdieu. (1987). What Makes a Social Class? On the Theoretical and Practical Existence of Groups. *Berkeley Journal of Sociology* 2.
- Grusky, D. (2001). *Social stratification: Class, Race, and Gender in Sociological Perspective*. Boulder, Colo: Westview Press.
- Henrique, d. (1985). *Amor e Dedinhos de Pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Li, M. (13 de 11 de 2011). *A ascensão da classe trabalhadora e o futuro da revolução chinesa (1ª Parte)*. Obtido de [passapalavra.info/2011/11/48200](http://passapalavra.info/2011/11/48200)
- Scott, R. (Director). (1991). *Thelma and Louise* [Motion Picture].
- Wolf, T. E. (2005). *Marriage and the family in Eurasia*. Amsterdam: Aksant.
- 彼特·布劳. (1991/1977). 不平等和异质性. 北京: 中国社会科学出版社.
- 姜淼. (30 de 6 de 2016). *恩格斯的的城市空间理论*. Obtido de 中国社会科学网: [http://www.cssn.cn/zx/201606/t20160630\\_3093474.shtml](http://www.cssn.cn/zx/201606/t20160630_3093474.shtml)
- 老北. (7 de 10 de 2010). Obtido de 中国网: [http://www.china.com.cn/culture/zhuanti/xbk/2010-01/07/content\\_19196716.htm](http://www.china.com.cn/culture/zhuanti/xbk/2010-01/07/content_19196716.htm)
- 马克思·韦伯. (1997/1976). 经济与社会. 北京: 商务印书馆.
- 王充. (86). *论衡·道墟*.
- 王实甫. (1295-1307). *西厢记*.
- 伊世珍. (元代). 琅环记.

